

NÃO OS TIRE DO MUNDO

REFLEXÕES
CRISTÃS
EM
UMA
CULTURA
"SECULAR"

**JOÃO PAULO BERLOFA
& JHON SOUZA**

SUMÁRIO

[APRESENTAÇÃO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[ÍNDIOS](#)

[BIRD BOX](#)

[“LUKE, EU SOU SEU PAI”](#)

[MEU MUNDO E NADA MAIS](#)

[EU, CORINGA](#)

[EU, CORINGA](#)

[SYRIO FOREL](#)

[PLATÃO, ARISTÓTELES E JESUS](#)

[FREUD E PAULO DE TARSO](#)

[SOBRE A FELICIDADE](#)

[SEXO COMO PLENITUDE](#)

[SEXO COMO NIVELAMENTO](#)

[O LEGADO DE THANOS](#)

[DIAS MELHORES](#)

[DE PUTA A APÓSTOLA](#)

[DEUS É UMA NOTA DE 100](#)

[O PEQUENO PRÍNCIPE](#)

CACHIMBO DA PAZ

VOCÊ CONHECE OS INADEQUADOS?

APRESENTAÇÃO

“Luke, eu sou seu pai.” | Darth Vader, personagem de Star Wars, O Império Contra-ataca.

“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda.” | Frase da música “Índios”, Legião Urbana.

“Veja as regras deles, a moral deles, é como uma piada ruim.”

Coringa, personagem inimiga do Batman, O Cavaleiro das Trevas.

Sabe o que essas falas têm em comum?

Todas estão cheias da expressão da Graça de Deus.

Mas às vezes, a religiosidade nos impede de ver Deus se manifestando em coisas comuns.

A proposta do “NÃO OS TIRE DO MUNDO” é justamente essa: enxergar a graça de Deus manifesta em TUDO e TODOS.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por sua infinita Graça disposta a nós todos os dias, em todos os lugares e em todas as circunstâncias.

Agradecemos, também, a todas as pessoas que, através de uma linda campanha de financiamento coletivo, contribuíram para a realização desse projeto.

Segue uma lista de todos que investiram muito mais que apenas o valor do livro:

• Bruna Padovani	• Carlos Eduardo da Manguiera
• Guilherme Padovani	• Fabio de Assis Melo
• Fernanda de Cássia da Silva	• Érika Velasco

• Waleska Gomes Gabilan	• Alessandra Ellen da Silva
• Alex de Siqueira Matos	• Djalma Araujo Maciel
• Rodrigo Rocha	• Ivy Menon
• João Pedro Costa de Brito	• Edil Nunes de Barros
• Stefanie Medeiros	• Anderson Amadeu Junior
• Sunie Rosa	• Maria Tereza Luchesi
• João Paulo de Souza da Silva	• Alynne Sipaúba
• Tiago P. Berloff	• Davi Ribeiro Marques
• Sueli Berlofa	• Clarice Nascimento
• Jairo Afonso Gomes	

DEDICATÓRIA

Eu dedico a minha linda e amada esposa Karina, que sempre me apoia em tudo, e que, especialmente nesse projeto, teve que ir dormir sozinha várias vezes, enquanto eu ficava no computador escrevendo. Obrigado pela paciência, Kah. Te amo.

JP. Berlofa

Dedico esse livro para minha filha Joana, para ler quando o mundo parecer estranho, e tentarem ofuscar o sentido de tudo que é criatividade humana, que é dom gratuito do Eterno.

Jhon Souza

INTRODUÇÃO

“Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno.

Eles não são do mundo, como eu também não sou.

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.

Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo.

Em favor deles eu me santifico, para que também eles sejam santificados pela verdade.”

(João 17:15-19 – NVI)

Uma das piores coisas que o pensamento religioso criou, e nós abraçamos e trouxemos para as nossas vidas, foi o dualismo. Uma linha de pensamento oriunda do platonismo, que faz uma separação entre o “santo” e o “profano”. “Santo”, neste caso, é tudo o que diz respeito a Deus: bíblia, músicas que falam de Deus, pregações, liturgia cútlica, enfim, todos os elementos de uma agenda religiosa. “Profano”, por consequência, é todo o resto.

Se existe algo, seja música, filme, poema, ou qualquer expressão de arte que não esteja de acordo com as regras da ABNT gospel – a saber, ter linguajar bíblico, usar as palavras “deus”, “glorificado”, “magnânimo” ou ser de uma fonte verificavelmente cristã; ter autor, compositor, escritor, enfim, ter fonte declaradamente protestante – tal coisa, definitivamente, é de conteúdo profano.

Falando em gospel... esta é a parte mais bizarra do cristianismo, é a forma pop do dualismo.

Já que só podemos consumir conteúdo gospel e queremos consumir de tudo, mas o senso comum religioso não nos permite, a ideia é óbvia: vamos criar nosso mundo gospel.

E a partir daí, hoje em dia temos música gospel, filmes gospel, roupas gospel, balada gospel, motel gospel, sex shop gospel, gospel gospel, e, há quem diga, que já está em andamento a construção do inferno gospel.

Mas a minha crítica ao gospel não é somente porque via regra os conteúdos são de péssimos gosto e qualidade. A questão vai muito além disso, pois quando criamos esse mundo gospel platônico dualista, estamos necessariamente segregando, criando guetos, fazendo uma separação no mundo que não temos direito ou autorização para fazer.

Na oração, relatada no evangelho de João capítulo 17, em minha opinião um dos textos mais emocionantes das escrituras, Jesus insiste em pedir ao Pai justamente que “NÃO OS TIRE DO MUNDO, mas que os livre do maligno”. A proposta do Cristo nunca foi de segregação, mas, de comunhão. Jesus não espera que seus discípulos vivam nos montes, nos templos, nos mosteiros, afinal, ele não estabeleceu monges e, sim, discípulos.

Lembremos um dos primeiros momentos da vida adulta de Jesus que temos relatados...

“No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava ali; Jesus e seus discípulos também haviam sido convidados para o casamento.” (João 2:1-2 – NVI)

Estava rolando um festão de casamento, e devemos lembrar que as festas judaicas duravam dias e eram repletas de banquetes, vinhos e danças. E adivinha quem havia sido convidado e estava lá marcando presença? Jesus! Ele mesmo, o filho de Deus, o Emanuel, o Santo, aquele que tira o pecado do mundo, em uma

festança com os familiares e amigos, ouvindo boa música, comendo boa comida e bebendo um bom vinho.

Aliás, Jesus gostava tanto de um bom vinho que ele era conhecido como beerrão entre os galileus. O próprio Jesus relata isso:

“Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: Aí está um comilão e beerrão, amigo de publicanos e pecadores.” (Mateus 11:19 – NVI)

E não para por aí. Em plena festa de casamento, Jesus curtindo com seus amigos e, de repente, o vinho acaba. Bem, Jesus poderia ter se levantado e ido embora... Ele poderia ter dito “melhor assim, vocês estavam bebendo demais”. Mas, ao contrário disso, Jesus realiza seu primeiro milagre:

“Ali perto havia seis potes de pedra, do tipo usado pelos judeus para as purificações cerimoniais; em cada pote cabiam entre oitenta e cento e vinte litros.

Disse Jesus aos serviçais: ‘Enchem os potes com água’. E os encheram até a borda.

Então lhes disse: ‘Agora, levem um pouco ao encarregado da festa’. Eles assim fizeram, e o encarregado da festa provou a água que fora transformada em vinho, sem saber de onde este viera, embora o soubessem os serviçais que haviam tirado a água. Então chamou o noivo e disse:

“Todos servem primeiro o melhor vinho e, depois que os convidados já beberam bastante, o vinho inferior é servido; mas você guardou o melhor até agora’.” (João 2:6-10 - NVI)

Você sabe por que tinham esses seis potes de pedras cheios de água no ambiente em que acontecia a festa? Como o próprio texto

responde, eram os potes da purificação, onde o homem judeu era obrigado a lavar as mãos antes das refeições. Era um dos ritos mais especiais aos religiosos. Lembra quando Jesus é indagado sobre essa questão?

“Então alguns fariseus e mestres da lei, vindos de Jerusalém, foram a Jesus e perguntaram:

‘Por que os seus discípulos transgridem a tradição dos líderes religiosos? Pois não lavam as mãos antes de comer!’” (Mateus 15:1-2 – NVI)

Para um religioso não havia muitos problemas em matar um pecador apedrejado, ou negar ajuda a alguém agonizando à beira da estrada, mas, deixar de cumprir um dos seus ritos religiosos era inaceitável aos olhos de Deus.

Então veja como Jesus foi genial, com um “quê” de sarcasmo. Ao usar os potes das águas de purificação, além de estar afrontando um dos ritos dos fariseus, ele criou um impedimento para os religiosos de participarem da festa, pois eles não teriam como se lavar para entrar.

Resumindo: para haver festa, alegria, comunhão, felicidade e vinho, não pode haver religiosidade.

“NÃO OS TIRE DO MUNDO” é o ensinamento do Cristo dizendo que NÃO podemos nos isolar em bolhas gospel. Que a criação foi feita para ser cuidada e usufruída por nós.

“NÃO OS TIRE DO MUNDO” é o nosso Senhor nos ensinado a ver a sua Graça maravilhosa nas coisas mais comuns. É Ele dizendo que Ele é infinitamente maior do que podemos imaginar, e que Ele não se limita aos conteúdos oriundos de um ambiente religioso.

“NÃO OS TIRE DO MUNDO” é Jesus nos dizendo: fiquem atentos, sejam sensíveis, pois estou continuamente me revelando a vocês nas coisas mais inusitadas que vocês possam imaginar.

João Paulo Berlofa

ÍNDIOS

“(...)Eu quis o perigo e até sangrei sozinho
Entenda... assim pude trazer você de volta pra mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim
E é só você que tem a cura para o meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi(...)”

Índios - Legião Urbana

É bem provável que em algum momento da sua vida, diante a um ato de atrocidade, você já tenha perguntado aos céus: ‘Deus, por que você deixou isso acontecer?’ Ou, até mesmo, tenha se questionado ‘será mesmo que Deus existe?’, balançando a cabeça de um lado para o outro com vergonha e medo do pensamento questionador tido como inadmissível por muitos.

O problema da existência do mal em um mundo criado por um Deus bom e todo poderoso é discutido há milhares de anos por centenas dos maiores pensadores da História. Segundo alguns destes, é incabível a coexistência de um deus bom e todo poderoso com a maldade. É uma matemática simples: a maldade é um fato, nós a presenciamos a todo momento. A questão é: ou Deus é bom e não consegue acabar com a maldade, ou ele pode acabar com o Mal, mas não quer. A primeira opção fere um dos atributos de Deus que é ser todo poderoso. E a segunda opção fere outro de seus atributos que é ser essencialmente bom. De qualquer forma, as duas possibilidades negam, então, a existência de um deus bom perante um mundo mal, segundo os referidos teóricos.

Um desses pensadores que escreveu sobre essa questão resolveu fazê-la de forma poética. Ele expõe suas angústias fazendo a melhor música já composta, na minha humilde opinião. Renato Manfredini Júnior, internacionalmente conhecido como Renato Russo, descreve na extraordinária canção “Índios” suas dúvidas acerca de Deus e do Mal.

Existem muitas especulações sobre o real sentido dessa complexa letra, mas, obviamente, vou deixar aqui a minha interpretação.

Quase todas as estrofes dessa obra prima em forma de música começam com a expressão “quem me dera”, que retrata uma utopia que o autor tinha sobre um mundo perfeito:

Quem me dera, ter de volta todo o ouro que entreguei...

Quem me dera explicar o que ninguém consegue entender

Quem me dera provar que quem tem mais do que precisa ter, quase sempre se convence que não tem o bastante...

Quem me dera... quem me dera... quem me dera...

É nítida a angústia do autor em querer um mundo bom, mas na realidade viver num perverso e mal. Angústia tamanha que fez com que ele chegasse a um extremo, parte da história de sua vida que poucos conhecem, o Renato tenta o suicídio e relata isso nessa letra: “Eu quis o perigo e até sangrei sozinho”

Provavelmente, em dia de profunda dor, o Renato corta os próprios pulsos esperando sangrar até a morte. O motivo desse ato, ele tenta esclarecer na canção: “Entenda... Assim pude trazer você de volta pra mim.”

Segundo ele, o suicídio é uma tentativa desesperada de chamar a atenção de “você”, não nomeado na canção.

A letra traz um pouco da relação que ele mantinha com esse “você”: “Quando descobri que é sempre só você que me entende do início ao fim”.

Aparentemente, esse amigo conhecia profundamente as angústias, neuras, medos, crises de Renato. Era no relacionamento com esse “você” que o Renato se sentia curado de seus vícios.

Alguns podem dizer que essa personagem citada é uma pessoa, um romance ou uma amizade. Afinal não é difícil ouvirmos histórias de pessoas que fizeram algo parecido para chamar atenção de um ex-namorado (a), por exemplo.

Mas ao final da letra ele nos dá um pouco mais informações sobre esse seu afeto:

“(...)Quem me dera, ao menos uma vez
Fazer com que o mundo saiba que seu nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz ao menos obrigado(...)”

Pronto, eu acho que a partir dessa descrição não fica mais dúvidas, o Renato Russo escreve essa música como se fosse uma conversa entre ele e o próprio Deus.

Agora tudo faz sentido, diante da angústia de querer um mundo bom, mas ver somente crueldade, engano, corrupção, e todos os tipos de maldades, o Renato se vira diretamente para o criador da “porra toda” e questiona “Por quê?!”

Sem respostas, o que geralmente acontece quando queremos colocar Deus “contra a parede”, o Renato tenta interromper a própria vida, como uma forma de expressar sua raiva por suas dúvidas não sanadas. Graças a Deus, a tentativa não é bem-sucedida. Todos conhecem a história, o Renato morre anos depois vítima da AIDS.

Mas, segundo seu relato, durante sua agonia na tentativa do suicídio, ou quem sabe até mesmo durante sua recuperação, ele se reencontra com o “você”, reestabelece a relação, e é curado de toda suas angústias:

“E é só você que tem a cura para o meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.”

Por favor, preste atenção na frase: “Saudade que eu sinto de tudo que eu ainda não vi”.

Seria possível sentirmos saudades do que não vimos ou conhecemos? O modo de se expressar mostra, mais uma vez, o sentimento utópico do Renato em relação a humanidade. Ele esboça uma saudade de algo com o qual nunca manteve contato visual, nunca presenciou, e, ainda assim, considera a possibilidade de ser real.

Desse jeito vive o cristão: imerso numa sociedade má, rodeado por todo tipo de corrupção da imagem de Deus no homem, mas com uma esperança inexplicável de que um dia as coisas serão diferentes, serão melhores, serão perfeitas.

Nunca experimentamos, nunca vimos e na verdade nunca ouvimos sobre essas maravilhas, só as lemos em um livro antigo, cujo texto mais novo tem dois mil anos de idade. Mas, de alguma forma, quando lemos tais letras, elas não conversam somente com nossos sentidos, mas, também, mexe com nosso coração, espírito e alma. E a bíblia nos deixa a explicação de como é possível sentir saudade do que não conhecemos:

“Ele fez tudo apropriado ao seu tempo. Também pôs no coração do homem o anseio pela eternidade;

mesmo assim ele não consegue compreender inteiramente o que Deus fez.” (Eclesiastes 3:11 – NVI)

João Paulo Berlofa

BIRD BOX

UM SISTEMA ASSASSINO

De tempos em tempos aparece um filme, música ou série que cai na graça do povo, que é alvo de comentários, posts, resumos e resenhas. É o caso atual do filme Bird Box (caixa de pássaros), protagonizado pela atriz hollywoodiana Sandra Bullock. Um filme com uma produção mediana, mas com um roteiro denso, tenso e que mexe com a imaginação e sensibilidade humana.

É fato que o tema principal e visível do filme é a maternidade, os dramas de uma mulher que se descobre grávida, não aceita a gestação, e a forma que ela escolhe tratar a situação é ignorando sua condição e o feto em seu ventre.

Mas, no contexto mais amplo, há uma trama obscura que dá margem para centenas de interpretações e promove uma dezena de dúvidas.

O que são os monstros? Se é que são monstros... O que significa o contato visual? O que cada um vê ao olhar para aquilo que causa dano a tantos? Por que os pássaros sentem a presença das criaturas? Enfim, propositalmente, tais informações são encobertas no filme tal como no livro, para deixar que tiremos conclusões próprias. Eu tirei as minhas e quero compartilhar com você.

Minha pergunta inicial para você é: Você tem vivido ou sobrevivido? Nesse mundo maluco em que vivemos, no sistema opressor em que estamos inseridos, onde só os mais fortes sobrevivem, só os que vencem na vida tem vez. É óbvio, que para vencer você precisa competir, e, para que alguém ganhe, os demais tem que perder. Em

meio à conhecida loucura consumista, onde vale mais ter do que ser, você tem vivido a vida ou sobrevivido numa correria desenfreada atrás de alcançar seu sonho?

A Malorie, personagem de Sandra Bullock em Bird Box, desde o momento em que percebeu aquela entidade roubando a vida de todos que estavam ao seu redor, começou a correr, fugir, esconder-se para sobreviver.

No desenrolar da trama, em alguns momentos, parece até que ela está vivendo a vida normalmente, tendo um romance, cuidando das crianças, mas fato é que ela se mantinha escondida, com medo, sem poder sair de casa, limitada a um pequeníssimo espaço que entendia seguro para si e os seus.

Talvez, se aquelas crianças crescessem naquele ambiente, depois de adultos teriam a impressão de estarem vivendo uma vida comum, já que não conheceriam outras possibilidades.

Tenho a impressão que a maioria de nós vive assim: correndo para sobreviver em meio a um sistema assassino, onde as opções são duas, na verdade. Primeira, enfrentar o monstro olho no olho, deparando com os piores horrores impostos e sucumbindo, perdendo a sanidade e a vida. Segunda, correr (e como corremos) desesperados para não sermos engolidos pelo monstro, mas de olhos bem fechados para não enxergar do que estamos correndo, usando vendas sobre os rostos que nos impedem de olhar para o monstro que nos persegue, evitando ao máximo a triste realidade que é viver num mundo dominado por ele.

Porém, em meio a sua fuga, Malorie se encontra com algumas pessoas que olham o monstro nos olhos, convivem com aquelas entidades, e não morrem.

Uma pequena parcela de pessoas, que além de não sofrerem o terror que a maioria sofre ao tentar enfrentar o monstro, lutam em prol daquilo que está tirando a vida dos outros, obrigando aqueles que estão fugindo a confrontarem o terror.

Uma minoria que aparentemente se deu bem nesse novo mundo pós-capitalístico, melhor dizendo, apocalíptico. Seres que cultivam um objetivo: mais gente sucumbindo ao seu senhor.

Pois é, uma minoria que está acima da carne seca. Alguns que tiveram suas mentes vendidas ao sistema, se renderam, se dobraram, e mais, servem ao tal sistema desgraçado como se fosse um deus.

Os desinformados que estão por aí correndo, tentando sobreviver, são pegos pelas cabeças e seus olhos são abertos à força. São obrigados por aqueles que servem ao sistema a olharem no mais profundo escuro da mentira, iludidos como se tudo fosse lindo... bom... a verdadeira vida. O certo é que, no fim das contas, depois de terem sugado tudo o que podem do infeliz, os dominadores vivem e a maioria dos dominados morre.

Surpreendentemente, o inusitado acontece no Bird Box: entre aqueles que a sociedade tinha diagnosticado como deficientes é que a Malorie encontra refúgio para ela e seus filhos.

Os rotulados de frágeis; os que eram taxados de alienados por não terem a capacidade de ver a vida como lhes é apresentada; os que não enxergam o que está a um palmo do próprio nariz, mas que com o coração enxergam o que querem (aquilo que a esperança lhes garante ser a Verdade); pois, então, são exatamente estes que sobrevivem em meio ao caos.

E muito mais que sobreviver eles são os que estabelecem uma sociedade de “deficientes” que possibilita a todos que ali chegam, cansados da correria pela sobrevivência, encontrarem a paz que é viver a verdadeira vida.

Talvez, para você, a minha interpretação do Bird Box ainda não esteja tão clara. Vou tentar ser mais claro.

Enxergo as entidades (monstros) como sendo o sistema assassino dito capitalismo, que se impõe na sociedade massacrando a maioria que a compomos.

Posso ver os loucos como os magnatas, as grandes empresas, os poderosos, que destroem tudo e todos para a continuação do domínio do seu deus, o capital.

Aqueles que morrem são todos os outros, que não têm e nunca terão a possibilidade de estarem do outro lado da história, que passaram as suas vidas sucumbindo ou fugindo em desespero.

E os cegos, aquela comunidade que aprendeu a viver em meio ao caos, somos as pessoas que sofremos uma mudança radical na visão e enxergamos a vida de outra forma. Somos a igreja, os cristãos, os verdadeiros discípulos do Cristo. Somos os que não sucumbimos ao sistema meritocrata, que entendemos que a proposta do Cristo é de comunidade e não de rivalidade.

Aquele refúgio coberto por flores e plantas, é o ambiente em que os discípulos de Jesus estão. Mas, NÃO o confunda com templos e instituições, identifique-o com o modo de ser coletivo que é a vida proposta por Cristo.

Mas, e a caixa de pássaros?! Bem, é a coisa mais preciosa que temos, uma dádiva que nos foi prometida e concebida por Jesus, que não carregamos em uma caixa e, sim, em nosso ser.

A nossa “Bird box” é a doce e transformadora presença do Espírito Santo, nosso auxiliador, nosso consolador, conselheiro que nos orienta, nos protege, nos auxilia.

Também é algo físico, palpável, que carregamos nas mãos. É a bíblia, os evangelhos, as cartas, os textos, os sermões, as exortações, as palavras que foram inspiradas pelo próprio Espírito, palavras que nos ensinam o caminho que devemos pegar e nos alerta sobre os que devemos evitar, em meio à caminhada frente ao sistema assassino.

João Paulo Berlofa

“LUKE, EU SOU SEU PAI”

Darth Vader, Star Wars - O Império Contra-ataca

Estou partindo da certeza de que você assistiu ao diálogo entre Luke Skywalker e o General Darth Vader. A tradução fiel do inglês, mostra Luke dizendo para Vader que ele matou seu pai. Então, o General responde que não, que ele era o pai tido, até então por Luke como morto.

Luke Skywalker que tanto combateu o mal pelo bem e pela força, descobre que seu pai Anakin Skywalker atravessou o outro lado da estrada perigosa da "força" e beijou seu lado negro. E mais: se transformou na síntese de tudo que sempre havia combatido.

Sei que o Mal existe a partir de mim mesmo e, apenas a partir de mim mesmo, é possível verificá-lo como iniquidade. Seja em razão de identificá-lo acordado ou, por vezes, adormecido em mim; seja por percebê-lo diariamente, ao experimentá-lo voltando-se contra mim (por ação de outros) ou ao verificar o que pode gerar na convivência comunitária (por ação minha ou de outros).

Saber que alguém que deixou um rastro de heroísmo, bondade e força pode atravessou a rua da encrenca e virou agente do Mal que sempre combateu não deve ter sido mole para Luke... quando este alguém se transforma na figura de Darth Vader, fica muito pior..., mas esse "cabra-da-pesto" ser seu pai?!! Aí... fica estreito, enguiça e o faz refletir.

É estranhamente sadio que só se possa e se consiga discernir o que é o Mal a partir de si mesmo. Luke entra em dura reflexão sobre

suas crenças na força, e em tudo que seu pai, até aquele momento, representava.

Sob este novo modo de ver as coisas, surge um "Vader humano" para Luke Skywalker. Há alguém que ele admira dentro daquela armadura, o Mal ganha uma dimensão completamente humana porque ganhou uma cara bastante conhecida ligada ao seu pai, e cruel, porque ser a personificação do Mal, que Luke Skywalker tanto combateu.

Interessante é que o Vader humano (pai) não vê mal algum em si. Ele, simplesmente, deliberou seus esforços para ser o que é, mudou de lado, escolheu o Mal.

Pela bíblia, o Mal é um fato, tanto na essência humana (Mateus 12:34) quanto no mundo, que está sob o poder do maligno (1João 5:19 - NVI).

Quando perguntado acerca do Mal entre os homens (parábola do Joio e do Trigo – Mateus 13), Jesus apenas disse: “Um inimigo fez isso!”, sem explicar quem e qual a origem do inimigo.

Desse modo Jesus não gasta tempo procurando diabo em lugar nenhum, ao contrário, o que ele diz é: Vamo-nos daqui, pois aí vem o príncipe deste mundo, e eu nada tenho nele.

Luke Skywalker nada tinha em si do Mal que seu pai se tornara, mesmo preservando todo heroísmo, força e coragem hereditários. Luke estava na rota certa, Vader havia perdido o caminho.

Por vezes, tentamos exorcizar o Mal que enxergamos no caminho, mesmo que ainda não esteja em nós; mesmo que o vejamos à distância de um horizonte, nos preocupamos com o que o Mal pode fazer conosco.

Quando o Mal se manifestava diante de Jesus, na figura de demônios, Ele não gasta entendimento com eles; não os explica; não os cogita; não os psychologiza; não os filosofa; não negocia com eles; não lhes faz nenhum rito; não lhes pronuncia palavras mágicas; e não faz nada além de apenas lhes dizer: Espírito imundo, deixa esta pessoa! — E pronto. Tanto sai o demônio, como fica a pessoa.

O lado negro da força existia, mas Anakin não sabia sua origem para além de seu começo nele mesmo. Vader é o produto de um Mal comido pelas beiradas por Anakin.

Portanto, segundo as Escrituras e segundo Jesus, o melhor e único lugar para se discernir um Darth Vader é em nós mesmos. Portanto, se alguém deseja conhecer bem o lado negro da força deve dedicar-se ao estudo de suas próprias motivações.

Esse tal de Vader do qual falo escova os dentes com sua escova, se penteia com seu pente, e trabalha sentado em sua cadeira. Ele até ouve seus filhos chamando-o de “pai” ou “mãe”! E, pasme, ele faz sexo sem amor com a mulher e, também, com a amante. O mais fantástico é que ele ensina na classe onde você é mestre ou até pastor. Esse Vader é a sua cara!

Jhon Souza.

MEU MUNDO E NADA MAIS

"Eu queria tanto
Estar no escuro do meu quarto
À meia-noite, à meia luz
Sonhando!
Daria tudo, por meu mundo
E nada mais"

Meu mundo e nada mais - Guilherme Arantes

Existe mesmo um estado em que a alma não aceita nenhum consolo. Nem o consolo da razão, nem o das percepções dos consoladores e nem mesmo a lógica favorável dos fatos que se somam em seu favor. A alma recusa consolar-se. A alma tem vontade própria... é voluntariosa; por isto, em suas crises, evite os salmos, lá contém a expressão minha alma recusa-se o consolo e você corre o risco de usar a literalidade do conceito de que tudo que está escrito é para ser feito, e entrar em um poço sem fundo.

Ao mesmo tempo precisamos saber a diferença entre solidão e solitude. A primeira, é entrar dentro de si para o isolamento, permitindo que a introspecção aumente a dor de uma alma aflita. Porém, solitude invoca um afastamento reflexivo, um hábito de Jesus registrado nos evangelhos nos momentos em que ele se retirava para orar.

Guilherme Arantes traduz esse afastamento reflexivo como quem queria o escuro do quarto, não para o isolamento e promoção do clima de amargura na solidão, mas para a reflexão da solitude, onde o escuro vira pano de fundo para sonhar.

Existe um plano em curso deste "mundo" lá fora, este "mundo" que está em alta velocidade e cheio de vontade de acelerá-lo até despedaçar você. O objetivo, além do esgotamento da esperança pelas vias das perplexidades e dos desastres da vida, é roubar toda sua oportunidade de vivenciar a solidão, e as alegrias à luz de velas, chamar de escuridão o céu de estrelas, e de depressão suas pausas criativas.

Querem fazer de você um gladiador na vida, com esses enlatados americanos que moldam uma vida que "dá certo" numa arena e não na partilha da comunhão.

E chamam de luz o ajuntamento das trevas nos cultos que saúdam e brindam o indivíduo em detrimento da comunidade.

Impõem a você um medo de ranger os dentes num apocalipse pessoal, fantasmagórico e sem redenção, apenas medo pelo medo, para lhe esfriar o amor. Ao mesmo tempo, ocultam as verdadeiras trevas, que ficam na nossa escuridão pessoal mal resolvida, e nos desejos e carências, que nos são tão comuns e nefastos.

Não é à toa que o escritor de apocalipse no capítulo 9 diz o seguinte:

“O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo. Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço, escureceu-se o sol e o ar. Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra, e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra,

nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte. Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém. Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles.”

O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a peleja (expectação de guerra); na sua cabeça havia como que coroas parecendo de ouro (busca de poder); e o seu rosto era como rosto de homem (inteligência); tinham também cabelos, como cabelos de mulher (erotismo); os seus dentes, como dentes de leão (ferocidade animal); tinham couraças, como couraças de ferro (defesa); o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja (ruído dos movimentos de guerra); tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses (o veneno da angústia); e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom.”

Abadom e Apoliom significam, em ambas as línguas, destruição; o Mal que começa a morder as almas humanas sem esperança e medrosas ante o complexo de coisas e as fobias dos "escuros-estrelados", nos exageros de quem vê o Mal em todas as coisas, ou em nada.

Quando se fala da aparência desses seres, o que se vê é uma composição de tudo aquilo que existe como fenômeno social, político, econômico, e, sobretudo, psicológico na Terra. Coisas que só tendem a crescer pelos que as negam fermentando-as no silêncio ou pela própria desistência de lutar dos que se isolam frente ao medo.

Sim! Porque esses bichos que saem do porão do Inconsciente, de nossos escuros de solidão NÃO promovem reflexão e, sim, isolamento e pânico. São a síntese de tudo que desejamos: poder, riqueza, domínio, sensualidade obsessiva e outros... estas são as densas trevas.

O Apocalipse diz que tais poderes terão seu domínio sobre todos, exceto sobre aqueles que entregaram a “frente”, ou a mente, ou a razão, ou a consciência em todos os tons de luz de reflexão ou introspecção ao Cordeiro, a fim de que sejam protegidos contra a Síndrome de Abadom e Apoliom, que habitam na escuridão da destruição. Creio que será como uma Síndrome Universal do Pânico, a qual fará a já conhecida Síndrome do Pânico parecer um resfriado quando comparado a um câncer nas vias respiratórias.

O que protege a alma é o “selo do Cordeiro”.
É o que se sabe e internaliza a respeito daquele que conhece todas as minhas trevas.

Guilherme Arantes nos faz refletir sobre os medos do escuro... e sobre os medos sem escuros..., mas, acima disso, reflitamos sobre o que temos dentro, no escuro de cada cantinho do nosso interior.

Que sejam sonhos! Que o mundo ressignificado por eles faça brilhar a luz do Cordeiro em nós.

Que seja hábito nosso ter noites harmoniosas de escuro no quarto, sabendo que o sol da justiça sempre brilhará pela manhã.

Jhon Souza

EU, CORINGA

BATMAN, O CAVALEIRO DAS TREVAS

“Veja as regras deles, a moral deles, é como uma piada ruim, largam no primeiro sinal de problema.

Só são tão bons quanto o mundo permite.

Quando o bicho pega, essas pessoas civilizadas se alimentam uma das outras.

Não sou um louco, só estou na vanguarda.”

Discurso do Coringa – cena do filme “Batman, o cavaleiro das trevas”

Se você não assistiu à trilogia de filmes do Batman, protagonizado pelo Christian Bale, você simplesmente deixou de assistir uma das melhores sequências sobre herói.

Mas sendo bem específico, foi o segundo filme da trilogia, o “Cavaleiro das trevas”, que roubou a cena. E não foi por causa do Batman, ou da atuação do Bale, para falar a verdade, o morcego de Gotham foi um mero coadjuvante nesse longa-metragem. Quem captou a atenção da plateia por sua atuação brilhante e “protagonizou” o filme foi o ator Heath Ledger, interpretando de forma absurdamente incrível o melhor Coringa que as telonas já viram.

O filme é repleto de ação e cheio de discursos, mas em minha opinião, a fala mais intrigante e envolvente, é quando o Batman tenta interrogar o Coringa que está preso na delegacia (vide trecho em destaque).

Esse pequeno discurso do vilão resume sua filosofia de vida que é, na minha ótica: Ninguém é bom! Basta um dia mal para toda a bondade, moralidade e civilidade ser trocada por uma insanidade absoluta.

A teoria do Coringa é simples: o que difere um pai de família, cristão, pagante dos impostos, de um assassino preso em um presídio de segurança máxima, totalmente isolado da sociedade, é um dia mal. Basta uma circunstância desesperadora para tirar a criatura boazinha e correta do seu eixo. O cara pode ser um herói paladino, se algo afetar o ponto certo de sua moralidade, ele joga tudo fora, e se torna um animal impulsivo e insano.

Inclusive, no citado filme, o Coringa comprova sua teoria fazendo com que o cavaleiro branco de Gotham, o promotor público Harvey Dent, que era um ícone de justiça e nobreza, se transforme de um dia para o outro em um terrível vilão – o Duas Caras, um louco que coloca em risco a própria vida e a de terceiros pela sorte num jogo.

Olhando para todo o contexto da relação entre Batman e Coringa, principalmente nos HQ's, percebemos que ambos entendem essa teoria do vilão, e percebem que, no final das contas, eles são os extremos de uma mesma ideia, os dois lados de uma mesma moeda.

Podemos perceber isso na quantidade de vezes que o Batman tem a chance de matar o Coringa, e vice e versa, mas não agem assim.

Isso fica ainda muito nítido em outra parte da fala do vilão, no mesmo filme:

“Eu não quero te matar. O que eu faria sem você?

Voltaria a enganar mafiosos? Não!

Você me completa.”

O Batman é o contrapeso do Coringa, é o que o segura, quem o detém, aquele que o domina.

Saindo dos HQ's para a vida, percebo que a teoria do Coringa não está de toda errada, muito pelo contrário, ela está bem certa.

O evangelho ensina que todos os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus, feitos em perfeição pelo Criador.

Porém, o pecado depravou essa *imago dei* no homem, deixando apenas uma sombra do que era antes.

Agora, depravados pelo pecado, o que rege a vida humana é o próprio pecado. O homem não tem mais o controle de si mesmo.

Considere, então, o sujeito numa situação de stress; coloque-o numa estrutura que o massacre, que o roube, que o corrompa. O que o poderia impedir de se tornar o mais vil das criaturas?

Pegue um adolescente e o exponha ao horror. A um trauma de ver seu pai assassinado pelos homens que o deveriam proteger; de ver sua mãe sendo abusada e morta; de ver seus irmãos passando fome sem ter a possibilidade de prover-lhes comida. Qual você pensa seria a probabilidade desse jovem se tornar um criminoso?

Agora, imagine o mesmo adolescente com uma criação tranquila, família bem estruturada, educação de alto nível, comida, teto, internet, lazer. Qual seria a probabilidade desse jovem parar num presídio de segurança máxima? Não nego que existe uma possibilidade. Como a teoria do Coringa diz, basta um dia mal e tudo vai por água abaixo.

Olhando, então, as probabilidades de ambos os casos, aqueles que estão diariamente expostos ao caos tem milhares de chances a mais de perder o senso de moralidade, afinal, não há um senso muito comum ao seu redor.

O evangelho do Cristo é como Batman para o Coringa. É aquele que está lá para ser o contrapeso numa balança desigual. O evangelho é aquilo que se põe nas bases da sociedade diminuindo a exposição dos seres humanos a um ambiente hostil, que corrompe ainda mais o homem.

Se o Coringa é aquele causador do caos, para que as pessoas tragam para fora suas piores versões de si mesmas, o Batman é aquele que combate esse caos, diminuindo essa exposição ao terror.

Veja Jesus em ação:

“E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia e gastara tudo o que tinha com os médicos; mas ninguém pudera curá-la. Ela chegou por trás dele, tocou na borda de seu manto, e imediatamente cessou sua hemorragia.

‘Quem tocou em mim?’, perguntou Jesus. Como todos negassem, Pedro disse: ‘Mestre, a multidão se aglomera e te comprime’.

Mas Jesus disse: ‘Alguém tocou em mim; eu sei que de mim saiu poder’.

Então a mulher, vendo que não conseguiria passar despercebida, veio tremendo e prostrou-se aos seus pés. Na presença de todo o povo contou por

que tinha tocado nele e como fora instantaneamente curada.

Então ele lhe disse: 'Filha, a sua fé a curou! Vá em paz'. (Lucas 8:43-48 – NVI)

Qual a perspectiva de vida essa mulher tinha?

Por causa da sua doença, ela não podia viver em sociedade. Segundo a legislação da época ninguém podia nem a tocar. Ela não tinha como trabalhar, se alimentar, se relacionar.

Essa mulher tinha todos os indícios para perder o juízo, e passar a se virar na vida da forma mais viável, mesmo que fosse imoral ou ilegal. E quem sabe ela realmente não estava no seu limite?

Jesus ao tocá-la e curá-la em público, ele a está inserindo novamente na sociedade, dando-lhe novas perspectivas de vida, retirando-a daquele caos que a dominava.

Nosso sistema de governo social é como o Coringa, frio, sádico e caótico. Expondo os brasileiros a níveis tão elevados de terror e exclusão, que descobrimos como fabricar a insanidade.

O Evangelho é o que pode retirar as pessoas desse sistema e apresentá-las às suas imagens perfeitas de Deus: modelados em O Cristo. Cristo não é somente um padrão para caráter e espiritualidade, Ele é padrão para toda a sociedade, Ele possibilita a recolocação de segregados e excluídos sociais ao convívio comunitário.

João Paulo Berlofa.

EU, CORINGA

PARTE II

"Vamos logo com isso! Tempo é dinheiro! Dinheiro é bom, eu sou bom, logo eu sou o tempo."

O capitalismo desumanizou a humanidade. Criou uma outra espécie de gente, um modelo de homem diferente, um ser que não foge de uma boa oportunidade, um modelo de pessoa econômico-racional existente na história da sociedade que se vicia no consumo contínuo de oportunidades conhecido como "é pegar ou largar". Este ser humano contemporâneo é um modelo contrastante, um antagonista, um dos mais antigos de todos os inimigos da tradição cristã.

O cristianismo apresentou ao ocidente uma narrativa de homens livres que rejeitam a ideia convencional de que oportunidade é igual ao valor. O cristianismo, na verdade, alerta: 1) o que é chamado de oportunidade pode esconder a chance do desfiguramento e da escravidão; e 2) a melhor coisa que gente livre pode fazer é abrir mão de perseguir, sem pausa, retornos que se provam sempre insatisfatórios, sempre vazios, tal como se corresse atrás do vento.

Na tradição cristã, como escrita nos evangelhos, aquilo que se conhece como "chance da vida" tende a desumanizar ao invés de premiar, gerar megalomaníacos (como o Coringa) ao invés de motivar para vida.

Antes de tudo, o modelo cristão não ignora que toda oportunidade tem um custo. Há um custo externo ao indivíduo, que é pago pela natureza ou pelo próximo, sai do lombo de alguém, mas há um

custo pessoal que é, via de regra, ainda maior. E, como entenderam tanto Jesus quanto Paulo, tanto Nietzsche quanto o agente do caos Coringa, o custo pessoal da oportunidade, geralmente, são culpa e neurose, além da perda de controle do próprio tempo.

“De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Marcos 8:36, NVI)

Enxergar o mundo como um universo de oportunidades e de tesouros escondidos parece, num primeiro momento, uma coisa luminosa e boa. Jesus tratou de demolir essa ilusão em suas histórias e em seu modo de viver.

O grande problema está em viver no regime das oportunidades requer uma mentalidade penitenciária.

Exige não só que reduzamos o mundo a um sistema de punição e de recompensa. Requer que nos punamos ininterruptamente com as disciplinas motivadoras da culpa e da neurose.

Entendemos, hoje, muito mais do que as pessoas no tempo de Jesus, a culpa de não perseguir adequadamente determinadas oportunidades (produza! maximize! potencialize!), mas as parábolas de Jesus denunciavam os mesmos mecanismos psicológicos.

A culpa é o primeiro hábito das pessoas altamente "eficazes".

A morte se esconde atrás da vida obcecada com a busca pela recompensa porque, no fim das contas, pressupor a recompensa é pressupor o castigo. Quem deseja ser recompensado pela sua performance deseja que o próximo seja castigado, na mesma medida, pela sua imobilidade.

Essa agressividade é internalizada de modos socialmente aceitáveis, isto é, se torna culpa dentro de cada um. A violência é introjetada. O grande empreendedor é quem pune constantemente a

si mesmo a fim de sujeitar-se à disciplina da oportunidade. A culpa, anote aí, é o primeiro hábito das pessoas altamente eficazes – e se lemos livros sobre como nos tornarmos pessoas mais eficazes é só para alimentarmos a culpa e nos lambuzarmos nela.

Para Jesus, onde o modelo acumulador/capitalista/devorador de tempo, finge que há liberdade há somente neurose. Dúvida?! Leia a história do fazendeiro rico (Lucas 12: 16-21) cuja prosperidade se torna, paradoxalmente, um problema. “Não tenho mais onde armazenar os meus frutos”, ele lamenta, tudo que ficamos conhecendo desse personagem, e tudo que precisamos saber dele, é o diálogo acentuadamente neurótico que ele tem consigo mesmo: “Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens.

E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’.”

Para Jesus, o homem rico vive num mundo imaginário cercado por seguranças imaginárias. Ele crê que está dialogando com a sua prosperidade, mas está conversando com o medo e com a culpa: está falando com a própria neurose.

A esse personagem fictício não ocorre a solução que Jesus propôs a um rico do mundo real (Lucas 18: 18-23): distribuir a sua propriedade e os seus bens entre os menos favorecidos do que ele. A um acumulador a solução distributiva não ocorre naturalmente porque, como a parábola do fazendeiro rico deixa explícito, acumular é, em última instância, cortejar a morte. É revelador que o protagonista se mostre pronto a destruir aquilo que tem –“derrubarei

os meus celeiros e edificarei outros maiores” – a fim de preservar aquilo de que deseja desfrutar.

Como explicou-me Judith Butler em sua análise de Melanie Klein: “a fantasia de destruir se torna inseparável do medo de perder aquilo de que nos tornamos absolutamente dependentes”.

Acumular é fingir que a vida requer constantes manutenção e intervenção; é simular que a vida é suscetível a gerenciamento e que pode ser colocada em sujeição. Em todos estes sentidos é cortejar a morte, é abraçar o Coringa que invoca ser o Tempo!

O imperativo da oportunidade é obsessão com a morte porque nos faz viver em função, não daquilo que temos ou daquilo que ganhamos mas, daquilo que temos medo de perder. E, como mapeado por Freud, o desejo e a obsessão de morte pode ser o feitor mais exigente e implacável do que o desejo de prazer.

O modelo capitalista insiste que ser livre é estar disponível para acumular oportunidades e resultados; para Jesus, ser livre é estar disponível para desapegar-se. Ser livre é não ter culpa alguma, débito nenhum e medo de nada.

Essa é a espécie de liberdade que Jesus desejou para o “discípulo” cheio de “virtudes” (neuroses, na verdade) que veio até ele pedir o caminho da salvação. Foi essa o tipo de vida que o jovem recusou porque era muito rico.

Para Jesus não há verdadeiro mérito na pobreza; o pobre, no entanto, tem a enorme vantagem de estar livre da riqueza. O pobre não tem medo de perder, e Jesus não entende como alguém poderia não desejar para si essa modalidade extrema de suficiência. A ordem da graça

Ninguém na história da cultura ocidental fez mais do que Jesus para demolir o homem econômico e a mentalidade enjaulada no ter.

Há, para começar, o seu modo de vida. No modelo capitalista, traçamos o nosso caminho pelas possibilidades vantajosas que se apresentam e não recusamos; o capitalismo chama tal atitude de liberdade. Em contraste, o Jesus dos evangelhos controla sua própria narrativa desviando-se de modo contínuo e deliberado de armadilhas disfarçadas de oportunidades.

Um amigo acerta em cheio quando me explica que buscamos líderes dos quais possamos nos servir. Entretanto, os líderes contemporâneos mais aclamados são os que dão sinais claros de que se deixam mover pelo que mobiliza todos: a ganância, o poder, o desejo de aprovação, o medo da competição.

Não é sem razão que a primeira coisa que vemos Jesus fazer em seu ministério é uma não-coisa: recolher-se para o deserto a fim de resistir a três tentações exemplares – três oportunidades de usar a sua singularidade de modo a moldar-se num líder de atração irresistível para as multidões. “Se você é filho de Deus” – convida vez após vez o diabo, ministrando o seu mais lubrificado workshop de coaching – “dê sinais da sua produtividade”. Ou: “se você tem todo esse potencial, faça alguma coisa com ele, e deixe-me demonstrar no processo que você se deixa conduzir como todos pela neurose, pela culpa e pela agressividade sublimada”.

Para um cara com a fibra de Jesus, ofertas dessa natureza são menos tentadoras do que oportunidades que não lhe interessam, até porque o acompanharão insistentemente. Apresentam-se, então, para emblemar que Jesus irá definitivamente recusar as “enormes vantagens” que lhe dariam ser coroado rei, ser reconhecido

Messias/Rabi diante das polaridades políticas, associar-se à determinada elite, evitar ser visto com determinadas pessoas, instituir seu exército de guerra, condenar um inimigo estratégico comum.

Ele definia sua liberdade pelas oportunidades que aos olhos de gente condicionada continuamente era desperdício.

A primeira preocupação de Jesus era não abrir mão de viver como ser humano. Sua disciplina, assim, lhe dava autoridade plena para não desumanizar a ninguém.

A loucura da bondade interesseira de senhor do tempo e das coisas não ocupava a integridade do Cristo.

Era no trato com as pessoas que Jesus demonstrava trabalhar contra a mentalidade focada no desejo, que condicionava todos ao seu redor. Sem atenção a isso, classificamos as pessoas entre as que merecem total atenção e as que merecem desprezo – aos “notáveis”, recompensa; aos “vis”, hostilidade ou indiferença.

De um modo ou de outro, seguir a lógica judiciária nos faz adotar comportamentos como juízes e algozes: pelas nuances do nosso tratamento colocamos cada pessoa no devido lugar, inclusive nós mesmos, distribuindo punição e recompensa, tratando cada um em conformidade com o rótulo a ele anexado.

O Jesus dos evangelhos é um sujeito inteiramente livre desse condicionamento neurótico e neurotizante. Para surpresa de muitos, ele tratava todos como gente, sem oferecer descontos e sem controlar débitos.

Para alguns, era alguém que adotava uma péssima propaganda para a própria imagem; bem ao contrário da postura expressa na

frase que encabeça esse texto, do Coringa, que vende o que não pode oferecer.

Para Jesus, não fazia diferença se você fosse uma prostituta ou um rei, um religioso venerado por todos ou um leproso banido de todas as convivências, um sacerdote de ficha limpa ou uma presidenta deposta por um golpe governamental. Ele tratava todos a partir de um lastro de humanidade comum, não de créditos ou débitos, nem através de barganhas ou sendo condescendente.

A condenação da mentalidade enjaulada no ter é aspecto fundamental também do seu ensino, a começar do próprio Sermão do Monte (Mateus 5-7). “Não julguem” é sua primeira e última expressão.

Jesus não ignora que para deixar de julgar os outros é preciso que abandonemos nossas culpas e neuroses. É preciso, sim, que deixemos de julgar a nós mesmos, abandonando o papel de feitores de nossa própria servidão – seres bons e donos do tempo.

Este é o sentido da chegada anunciada do reino de Deus: um domínio de mudança de vida – metanoia. Assim, todos os débitos que vigoravam se veem miraculosamente perdoados. O resultado esperado do perdão universal dos débitos é uma vida de integral humanidade para todos os homens.

Quem não deve nada a ninguém não precisa provar nada a si mesmo; pode, finalmente, viver livre dos demônios da culpa e da neurose.

É uma espécie de vida tão nova que deve ser aprendida e, inteiramente, recolonizada. Torna necessário olhar ao redor na busca e assimilação dos novos modelos.

Olhar as aves do céu, que não acumulam recursos e não perdem nada com isso. Deixar de chamar de rico a quem enterra tesouros, e passar a chamar de rico aquele que passa a tarde sobre a relva ouvindo a música do vento e das aves.

Deixar que passem boiando gordas “oportunidades” pelo rio da vida, e aprender a lamentar a sorte dos infelizes que vão querer pescá-las corrente abaixo. Deixar de pensar em termos de escassez, e passar a chamar Deus de Pai. Abandonar as preocupações com o dia de amanhã; não porque vai dar tudo certo, mas somente porque a preocupação nada garante e nada remedia – “basta a cada dia o seu mal” (Mateus 6:34, NVI).

As parábolas de Jesus, praticamente todas elas, exploram aspectos dos desafios da vida no reino de Deus: uma vida de amor total e não condicionado, livre de angústias e temores, livre de julgamentos e de neuras.

Das parábolas que revisam a lógica enjaulada tradicional, nenhuma é mais eloquente e cuidadosamente estruturada do que a do Filho Pródigo (Lucas 15: 11-32).

O filho mais novo, que pede ao pai a sua parte da herança, encarna o aspecto externalizado da neurose da oportunidade: o rapaz tem pavor de perder o bonde da juventude, e não se envergonha de pedir um adiantamento que o permita desfrutá-la no seu tempo. Sua trajetória longe de casa, no entanto, é autodestrutiva e fortemente determinada pela culpa. Sua reflexão, antes de voltar para casa, reflete uma lógica rigorosamente enjaulada: ele sabe que colocou tudo a perder, por isso nada mais será como era. Ele é um sujeito que levou muito a sério o chamado da oportunidade, por isso quer ser visto como alguém pronto a prestar contas dos seus atos. Como

para ele o dinheiro é muito importante, ele quer se mostrar uma pessoa ciente, identificada com a lógica sócio financeira vigente, que entende que tudo tem um preço. Antes de ser punido pelo pai, ele já está se penitenciando e colocando-se no seu devido lugar: “Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e direi a ele: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados” (Lucas 15: 18-19 - NVI).

Ele, por certo, não tinha como prever o amor revoltante do pai, que espera o seu retorno com os olhos na estrada, pronto para derramar-lhe nas costas não o peso de impensáveis débitos, mas um abraço da mais incondicional aceitação. O pródigo, que queria ser premiado com uma punição, é esbofeteado com uma festa. E, enquanto todos dançam, o leitor reflete que ninguém neste mundo está preparado para uma mentalidade não-enjaulada. Aliás, mais confusos costumam ficar os que são beneficiados pela mesma.

Continua, então, a história mostrando o filho mais velho voltando do cotidiano trabalho no campo e sendo surpreendido por uma confluência de circunstâncias que ele não esperava ver juntas nesta vida: a volta do irmão rebelde e uma festa na casa do pai.

Quando o fazendeiro sai novamente de casa, desta vez para perguntar ao filho mais velho porque ele não vem juntar-se à celebração, escuta dele uma queixa: “Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos.” (Lucas 15: 29, NVI)

A reviravolta reside nisso, que o filho identificado como o leal escolhera se definir pelas oportunidades que acreditava que,

segundo ele mesmo, estivera perdendo. Em vez de externalizar a frustração e a agressividade, como tinha feito o irmão, o filho mais velho as tinha reprimido. Apesar da lealdade aparente ele mesmo operava sob a lógica enjaulada da vida, crendo que sua vida inteira consistia numa punição.

Na narrativa, o pai representa o não-condicionado, inteiramente incapaz de reduzir a realidade a um universo judiciário de causa e efeito, de perdas e ganhos. Como não enxerga a vida como uma torrente de oportunidades que não convém perder ou, como diria o Coringa, que tempo é dinheiro, o pai absolutamente não entende que alguma coisa tenha se perdido. Sob a sua ótica, nada se perdeu quando todos estão vivos, desfrutam de um mesmo patrimônio de humanidade, e podem dançar numa mesma festa.

Esse é o Pai que não recompensa soberbamente o tempo que um dos filhos permaneceu ao seu lado após a partida do outro, apenas lhe faz saber: "tudo que é meu, é seu!"

E ao filho que partiu e voltou, o pai não lhe atribui um montante de débitos, mostrando que tempo não é dinheiro. Tempo tem significado paterno de saudade e graça.

Jhon Souza

SYRIO FOREL

GAME OF THRONES

"Apenas existe um deus; e seu nome é Morte. E apenas tem uma coisa para se dizer para a Morte: 'Hoje não'."

Arya é do tipo de personagem apaixonante. Não quero dar spoilers, mas a vingança do casamento vermelho, uau... é de matar... literalmente, neste caso.

Arya contemplou a morte desde cedo, carrega consigo o desejo de vingar -se da morte do pai Ned Stark, morto impiedosamente pelo menino rei Joffrey, tudo isso no primeiro livro da série de fantasia Game of Thrones.

Arya também fugiu da morte por dezenas de vezes, até saindo brutalmente ferida em uma dessas vezes.

Arya carregava consigo uma lista de morte, um Death Note (olha a referência para um próximo texto...), com o nome de pessoas que gostaria de matar com as próprias mãos com sua pequena espada.

Arya foi marcada pela morte, cheirava à morte, inclusive teve uma grande conexão com o deus da morte, a ponto de trabalhar em seu templo na cidade de Bravos.

Valar Morghulis (todos os homens devem morrer) é o lema que carrega consigo. Tão nova e tão mortal, Arya é a síntese de quem respira em ambiente de morte não se mantém o mesmo; O medo e a raiva da morte podem tornar você parte dela.

Jesus nos Evangelhos, diferente de Arya, olhou a morte por diferentes formas.

Para o rapaz jovem que pedia um tempo para esperar a morte do pai para, depois, seguir como discípulo, Jesus disse: “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Quanto a ti, vem e prega o reino de Deus”. Foi como apontando a morte como cessação da vida física, e/ou ao andar sem fé, sem luz e sem a esperança do reino que virá (o que, para Ele, era a morte em vida). Foi para salvar os que existiam em tal estado que Jesus chamava o moço que, triste, voltou para casa a fim de esperar a morte do pai muito doente.

Jesus viu e ouviu a notícia de desastres naturais ou físicos [como no caso do desabamento da Torre de Siloé, matando 18 pessoas] e não defendeu Deus e nem deu explicações. Tão pouco sofreu de mimimi com a narrativa. Apenas disse que se ficassem impressionados com a visão “moral” da calamidade, julgariam que nas vítimas da calamidade ocorre um juízo divino, esquecendo-se assim de olhar as verdadeiras catástrofes, que são as que nós mesmos provocamos no coração.

Jesus ficou sabendo da quase-morte de um amigo e ainda ficou mais um tempo sem apressar-se para visitá-lo. Ao chegar, vendo a dor dos vivos, chorou. Chorou ante a dor dos vivos, não ante a morte de Lázaro, já que Lázaro nunca tinha estado mais vivo do que agora que estava “morto”. Assim, Jesus não chama Lázaro para esta vida, mas para Ele mesmo, tanto fazendo o lado ou dimensão da vida – se lá ou cá, afinal, Ele mesmo dissera “Eu sou a Ressurreição e Vida”.

Jesus, quando frente ao medo dos discípulos diante dos que tinham poder de matar, disse: “Temei não aquele que pode matar o corpo. Temei antes aquele que pode lançar a alma no inferno” — assim fazendo clara distinção entre morte e morte.

Além disso, Jesus falou da morte de Pedro como um modo de dar glória a Deus. E ainda garantiu que a morte já não mataria a quem crescesse, ainda que todos continuassem morrendo.

E mais: Jesus disse que a morte que mata é a que cega o homem para o sentido da vida, que é amor.

Seu pai, José, provavelmente, morreu antes de Jesus começar a pregar. Muitos vizinhos e amigos também morreram. Ainda assim, nada é citado sobre Jesus fazendo da morte física uma inimiga sempre, nem tampouco achando que todo caso de morte fosse um caso para a ressurreição física. No entanto, para Ele, todo caso de morte espiritual era caso para ressurreição espiritual.

É por não fazerem a distinção simples da vida e da morte que, muitas vezes, os cristãos odeiam a morte como cessação da vida física e não se dão conta de que este não é o problema da vida.

A questão da vida é a morte que separa o ser humano de Deus, não da Terra.

Em Jesus, não vemos um alumbramento (ilusão) com a morte, nem um susto, nem um psiquismo, Jesus não teve nenhum medo da morte como fim, apenas sofreu a dor do processo, com reverência e sujeição ao Pai.

Arya Stark criou um inimigo a perseguir, a morte, gerando rastro de morte por onde andou.

Jesus descomplicou a morte, tirando-lhe o direito ao significado de fim, gerando um novo e vivo caminho por onde passou, pelo que se diz: “Onde está, ó morte, a tua vitória?” (1Coríntios 15:55)

De certo que um encontro entre os dois citados, um diálogo imaginário cairia muito bem aqui... Cena 1: Cristo pegaria Arya no colo, sem dar tempo para a criança justificar qualquer coisa, explicando: O último desafio a ser vencido, a morte, foi morta na Cruz. Encerrou-se todo e qualquer assunto que construa mais "Aryas" por aí. A morte morreu impregnada de Vida.

Cristo veio trocar a máxima Valar Morghulis (todos os homens devem morrer) apenas e tão somente por Valar Dohaeris (todos os homens devem servir).

Jhon Souza

PLATÃO, ARISTÓTELES E JESUS

SOBRE O AMOR

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder;
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

Luís Vaz de Camões, in "Sonetos"

Ah, o amor... sem dúvida nenhuma um dos assuntos mais falados, mais discutidos, mais cantados, mais poetizados. Mas enfim, o que é o amor?

Faça tal pergunta para cem pessoas diferentes e você terá cem respostas distintas.

Dentro dessa diversidade de respostas, conceitos, definições, quero ressaltar as de três pensadores que conceituaram o assunto que, acredito eu, são os que mais embasaram nossa forma de pensar.

Em ordem cronológica, o primeiro dele é Platão (428/427 – Atenas, 348/347 a.C.). Filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental, considerado o pai da filosofia.

Dentre os muitos temas que Platão tratou, um deles foi o amor. Óbvio que ele não chamava o amor de amor. De origem grega, Platão chamava o amor de Eros (em grego, ἔρως; transliterado para o latim, érōs).

Essa palavrinha “Eros” é familiar, pois dela deriva a conhecida palavra “erótico”, que para nós está relacionada apenas com o desejo sexual. Mas, para Platão, o termo refere-se a algo muito mais profundo.

Platão diz que o Eros é igual a desejo. E minha próxima pergunta seria “O que é desejo?” E o filósofo responde com elegância dizendo que desejo é a falta do que não se tem. Só desejamos o que não temos, pois, a partir do momento que temos o que desejávamos, a falta se faz presença e o desejo acaba. O amor platônico é o amor desejante, é a vontade de ter o que está longe, é o fogo que consome alguém por querer algo que não está em suas posses. Daí, do Eros deriva o erotismo, a paixão, que é exatamente o significado da paixão.

Quando começamos a nos relacionar, queremos desesperadamente possuir alguém, seja sexualmente, sentimentalmente,

emocionalmente, psicologicamente, enfim, de todas as formas. Quando conseguimos, quando, enfim, temos tudo o que queríamos, a paixão acaba, o erotismo vai embora, e o filósofo se mostra com a razão. Portanto, se amamos somente de forma Eros, assim que não houver mais novidades, assim que a falta se fizer completamente presença, o amor acaba.

O segundo pensador da minha lista é Aristóteles (384 a.C., Estagira, Grécia - 322 a.C.). Filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia.

Aristóteles chamava o amor de Philia (em grego, φιλία; transliterado, philia, filia), que hoje é traduzido para nós como Amizade. Para Aristóteles, porém, esse conceito queria dizer muito mais.

Diferentemente de seu mestre Platão, Aristóteles diz que a philia é a felicidade no que você tem.

Se em Platão o amor é o desejo pelo que não se tem; para Aristóteles, o amor é justamente o deleite sobre aquilo que está em suas posses.

Perceba que subimos aqui um degrau em sofisticação, e nos deparamos com um amor mais sentimental, diferente do amor impulsivo do Platão.

Ainda assim, não se engane, o amor aristotélico também tem lá suas limitações. Pois, se amar é ter felicidade em algo ou alguém, logo, quando aquilo já não o/a faz mais feliz, o amor também termina.

Aristóteles explicaria facilmente cerca de 80% dos divórcios, pois na maioria dos casos a queixa é “ele (a) não me faz mais feliz”.

É... parece que o Ari também está com parte da razão.

E agora vamos para o último pensador da minha lista, que também conceituou o amor. Segundo a fé cristã, ele não somente definiu o conceito sobre o amor, mas ele o encarnou, o viveu, o inventou.

Na verdade, para nós cristãos ele é o próprio amor: “Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Romanos 8:38-39)

Jesus traz o conceito mais escandaloso de todos sobre o amor. Temos que admitir que o amor ensinado pelo Cristo chega a ser um absurdo, pois o amor cristão é o Ágape (em grego, αγάπη; transliterado para o latim, agape). Esse amor ágape é absurdo! Diferente do Eros e da Philia que são condicionados, um no desejo e o outro na felicidade, esse tal de ágape não está preso em nenhuma condição, a não ser na escolha do amante em amar. Melhor dizendo, nos outros dois tipos de amor que vimos, para o amante amar, ele necessita de uma contrapartida do amado. No Eros, o amado precisa oferecer desejo. Na philia, o amado tem de oferecer felicidade. Já no ágape, não existe contrapartida, o amante escolhe amar, incondicionalmente, o amado, independente do que o amado lhe ofereça de volta.

É por isso que o apóstolo Paulo disse: “De fato, no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios.

Difícilmente haverá alguém que morra por um justo, embora pelo homem bom talvez alguém tenha coragem de morrer. Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores.” (Romanos 5:6-8)

Deus não nos amou porque nos arrependemos, ou porque somos bons, ou porque somos sua imagem e semelhança. Ele nos amou porque Ele escolheu nos amar porque éramos totalmente necessitados do amor.

Agora começa a ficar tudo mais claro para nós, tudo começa a fazer sentido quando Jesus diz que o amor não é um sentimento, e, sim, um mandamento:

“Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.” (João 13:34)

O verdadeiro amor, o amor cristão, não é um sentimento como o Eros ou a Philia; é uma decisão do amante em amar o objeto amado.

É por isso que Jesus pode exigir de nós algo como: “Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem.” (Mateus 5:44)

Amar nossos inimigos é bem possível sim, pois amar não tem a ver com o que se sente por ele, tem a ver com a ordem que o Cristo deu. Segundo Jesus, é bem possível amar sentindo aversão.

Talvez a próxima pergunta seja: “Mas na prática mesmo, o que é amar?”

Bem, nossa professora do primeiro grau já nos ensinava todas as vezes que ensinava sobre verbo. Dizia a minha: “Todo verbo requer

uma ação.” Amar é verbo. E a pergunta final é: “Qual é a ação do verbo amar?”

Respondo com o versículo mais conhecido do novo testamento: “Porque Deus tanto amou o mundo que DEU o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16, NVI).

A ação de Deus ao amar o mundo foi simples: Dar o que Ele tinha de mais precioso em prol de seu abjeto amado.

Fechamos a equação! O amor cristão é a decisão em dar, se dar, se doar em prol daquele que é o alvo de seu amor, independente do sentimento que você tenha por ele.

João Paulo Berlofa

FREUD E PAULO DE TARSO

SOBRE A FELICIDADE

O que é ser feliz para você? Pense um pouco nisso antes de continuar a leitura.

De forma geral, a nossa definição de felicidade é uma síntese do pensamento de Platão e Aristóteles sobre o amor. Por isso é importante só continuar essa leitura se você já leu o texto “Platão, Aristóteles e Jesus – Sobre o Amor”

A partir do citado texto, compreendemos que nossa definição de felicidade é algo muito parecido com os conceitos de amor que Platão e Aristóteles difundiram. Em resumo, felicidade é possuir o que ou quem se deseja ou sentir prazer com o que ou quem possuímos. O seu conceito de felicidade difere muito disso?! Acredito que não.

Quando pensamos em felicidade, pensamos em aplacar nossos desejos e alcançar nossos objetivos, planos estes que assinamos como criadores. Convencemos a nós mesmos que será impossível alcançar a tal felicidade sem a concretização de tais metas. Então, passamos a vida inteira lutando, desenfreadamente, para conquistar a felicidade.

Essa é uma visão bem freudiana sobre o assunto.

Sigismund Schlomo Freud (Freiberg in Mähren, 6 de maio de 1856 – Londres, 23 de setembro de 1939), mais conhecido como Sigmund

Freud, um médico neurologista criador da psicanálise. Um dos pensadores mais importantes da história.

Freud nasceu numa família judaica, em Freiberg in Mähren, na época pertencente ao Império Austríaco. Atualmente, a localidade é denominada Příbor, e pertence à República Tcheca. Sim, ele era judeu, mas se desencantou com a religião judaica ao longo de sua juventude.

Dentre muitas facetas do pensamento humano que Freud pesquisou e conceituou, destaco a felicidade como uma das que mais influenciaram nossa forma de pensar contemporânea.

Para Freud, o desejo é o estímulo máximo do ser humano. São eles que movem o homem a movimentar-se em busca do que o psicanalista chama de “projeto de felicidade”.

Segundo a visão do Freud, o homem só tem uma chance de ser feliz, aqui e agora, e ele só será feliz se concluir esse projeto de felicidade que ele mesmo traçou, que inclui tudo e todos que tal homem acredita que o fará feliz.

Freud diz, inclusive, que quando esse homem não consegue alcançar os objetivos que ele mesmo supõe o levariam à felicidade ou quando ele os reprime, desenvolve grandes chances de apresentar problemas psiquiátricos como histeria, esquizofrenia, entre outros.

Não vou fazer um juízo de valor em cima da tese freudiana sobre felicidade, mas ousar afirmar que, tendo em vista a sociedade atual, que esse conceito “pegou”.

Agora vamos pensar em outro judeu, que teve a base de sua vida construída sob o mesmo foco defendido nesse conceito do Freud. Paulo de Tarso, foi um dos homens mais doutos, ricos e poderosos de sua época. Estudou nas melhores escolas, tinha uma tripla nacionalidade, era poliglota... um dito homem admirável.

Se o nosso querido psicanalista se deparasse com o nosso querido apóstolo, eu defendo que ele diria: “está aí um homem que alcançou a felicidade”.

Bem, muita coisa acontece na vida de Paulo após aquele fatídico dia em que ele se encontra com Jesus no caminho para Damasco. Acredito que você conheça um pouco da história (Atos 9).

Anos se passam e Paulo escreve uma de suas cartas, essa direcionada a igreja da cidade de Filipo. A correspondência à qual me refiro é conhecida entre os teólogos como um tratado sobre a felicidade: Filipenses. Todos os intérpretes da bíblia concordam que é a mensagem escrita mais “feliz” que o apóstolo Paulo escreveu. Aparentemente, ele estava radiante de alegria ao escrevê-la.

“Contudo, mesmo que eu esteja sendo derramado como oferta de bebida sobre o serviço que provém da fé que vocês têm, o sacrifício que oferecem a Deus, estou alegre e me regozijo com todos vocês. Estejam vocês também alegres, e regozijem-se comigo.” (Filipenses 2:17-18 - NVI)

“Finalmente, meus irmãos, alegrem-se no Senhor!” (Filipenses 3:1 - NVI)

Repetidas vezes o Paulo fala sobre estar feliz, alegre, regozijante. Mas você sabe em quais condições o Paulo se encontrava quando

escreveu nesta alegria?

Estava preso em Roma, num dos cárceres mais sombrios da História. As prisões romanas ficavam no subsolo, onde passava o esgoto da cidade, e é óbvio que não era um esgoto encanado como os de hoje, era tipo um córrego vindo direto dos banheiros.

É bem provável que Paulo tenha ditado a um escriba o texto, porque os prisioneiros de Roma costumavam ficar acorrentados pelos pés e mãos, sentados ao chão, no mesmo chão pelo qual passavam os dejetos.

Veja o que ele escreve um pouco antes:

“Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo.” (Filipenses 3:7-8 - NVI)

A palavra que a versão bíblica usada traduziu como esterco, na verdade significa fezes humanas.

Paulo, aquele poderoso homem que descrevi no início do texto, agora encontra-se nessa situação terrível, literalmente em meio à bosta.

Imagino a cena onde Paulo olha para baixo e vê aquela porcaria toda entre suas pernas e, depois de uma bela gargalhada, diz ao escriba “O que para mim antigamente era lucro meu amigo, agora é

menos valioso que esse cocô rolando aqui”. E os dois juntos caem na gargalhada.

É bem assim o sentimento de um verdadeiro cristão ao deparar-se com a diversidade, alegria. A pessoa passa a entender a proposta do Cristo no sermão da montanha, onde ele diz que felizes são os que choram, felizes os pobres, os humilhados, os maltratados por causa do evangelho. A felicidade do cristão não está nas circunstâncias da vida, está na salvação que ele recebeu graciosamente do Cristo.

Os discípulos de Jesus não condicionam sua felicidade a um projeto escrito por eles mesmos, mas creem num plano muito maior, escrito por quem arquitetou todo o universo.

O verdadeiro cristão não espera de Deus um triunfo financeiro. Aliás, ele considera este negócio como fezes, algo totalmente irrelevante. Ele sabe que logo, o Senhor e Salvador de sua vida virá buscá-lo, e eles passarão a eternidade juntos, desfrutando daquilo que nem olhos viram e nem ouvidos ouviram.

João Paulo Berlofa

SEXO COMO PLENITUDE

PARTE I

"A tua estatura é semelhante à palmeira; e os teus seios são semelhantes aos cachos de uvas. Dizia eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos; e então os teus seios serão como os cachos na vide, e o cheiro da tua respiração como o das maçãs." (Cânticos 7: 7-8).

"Só existem duas coisas importantes na vida. A primeira é o sexo e a segunda eu não me lembro." (Woody Allen)

Você nunca imaginou que algo assim poderia estar na bíblia, não é? Ou, talvez, leu fazendo comparação de Jesus com sua noiva (igreja). Tudo para apagar o fogo interno que há dentro de nós, e beatificar os homens e mulheres citados na bíblia.

Mas um livro bíblico pode conter relatos quentes e declarações de desejo sexual de um ser humano para outro? (confesso que peguei um dos textos mais leves).

Por que estamos inserindo tanta moralidade no quesito sensualidade/sexualidade?

Estamos na era do "nudes", não se descreve mais o desejo por palavras, a geração é audiovisual, ouvir e ler não basta, eles querem ver, o que antes funcionava à velocidade dos Correios e com a força da imaginação, hoje rola nos smartphones, e é exposto bem entre nós. A igreja está neste mundo, nesta geração. Fazer-se de bobo não vai mudar tal fato. O sexo está na palma da sua mão (contém trocadilho), a poesia está por fora. O Tinder é um mercado,

pessoas estão se colocando na vitrine e a sexualidade/sensualidade que são bonitas como poesia foram barateadas pela fartura de oferta.

Salomão, no texto em destaque está "jurando de morte" sua noiva, amada, descrevendo um jogo de sedução entre um casal, algo bonito de se pensar, romântico de se ler.

É fato: o Criador nos coordenou e nos nutriu de criatividade para funcionarmos integralmente, para sermos efetivos em todas as áreas da vida, inclusive na área do prazer sexual.

O tabu nasce em pensar um Criador que projetou a engenharia do pênis e da vagina com seu encaixe como mero enfeite. Dá até para zombar disto: por que será que nos criou com órgãos sexuais e não com uma samambaia no meio das pernas?!

Woody Allen extrapola, e só reforça a manutenção do estereótipo exagerado de papo-de-botequim, que é o outro lado do pêndulo desse assunto. Como em muitas culturas da Antiguidade e, até recentemente, em muitas culturas ocidentais, a esfera do Antigo Testamento tinha uma principal função social: ilustrar a relação de dominação entre os sexos. A relação sexual era tida como um ritual estilizado de poder e de submissão que refletia, em privado, uma diferença de status muito real na sociedade.

Numa configuração como a citada, tomada como válida por muita gente ainda nos nossos dias, a própria anatomia é interpretada como confirmando o status superior do homem, desrespeito que o ato sexual, periodicamente, celebra. O homem tem papel ativo: ele supre, penetra, domina, possui e fertiliza; o papel da mulher é

passivo: ela acolhe, é penetrada, é dominada, é possuída e é fertilizada.

Muito na visão viciada da relação, bem como nas palavras que escolhemos para descrevê-la, serve para maximizar o papel do homem e diminuir o papel da mulher: o ativo é honrado e valoroso, o passivo é submisso e desprezível.

Parece haver pouca dúvida de que os povos da Antiguidade desenvolveram essa caracterização da sexualidade compartilhada como emblema de dominação a partir da observação do comportamento dos animais, já que para muitos mamíferos superiores a busca, conquista e execução do ato sexual tem a ver com a organização social da espécie, além da necessidade reprodutiva.

O líder animal é identificado como o grande reprodutor, o macho fertilíssimo que tem o maior número de parceiras, e aquele que pode ilustrar a sua superioridade e a submissão dos demais tomando como parceiros passivos, até mesmo, os machos abaixo dele na hierarquia do grupo.

Muito claramente, foi essa visão da sexualidade como registro social de dominação e controle, e não nenhuma inclinação homossexual generalizada, que levou os homens de Sodoma a rejeitar as filhas virgens de Ló em favor do sexo com os seus visitantes. Eram homens rudes que queriam mostrar barbaramente o seu poder. Na sua visão de mundo, possuir visitantes ilustres simbolizaria mais formidavelmente a sua potência do que violentar moças locais.

Uma face cruel do sexo que perdura até hoje: reprimido, em seguida banalizado, depois usado como ferramenta de domínio, opressão e

poder. Desta forma, o ato sexual perde o design de fonte de prazer que gera frutos, para ser algo castrador e ditador.

Mesmo sendo "moderna" para sua época, a legislação do Pentateuco toma como certa a noção acima. Favorece, claramente, a ideologia da supremacia do macho, e dita medidas explícitas para proteger a sua honra. O adultério, por exemplo, é visto como transgressão especialmente grave não por violar a santidade da família, mas porque representa uma afronta à honra e à potência/suficiência do homem casado/macho reprodutor.

O sexo entre homens é julgado “abominável” essencialmente pela mesma razão. Um homem não deve deitar-se com outro homem “como se fosse com mulher”, porque isso ilustraria uma relação de dominação e de submissão entre agentes que para o sistema devem permanecer invariavelmente dominantes — nunca submissos ou passivos.

O banimento do comportamento homossexual não está embasado no intercâmbio entre corpos incompatíveis, mas na conotação politicamente inaceitável que uma relação “desigual” entre “iguais”. Ambos os transgressores devem ser mortos: um porque aceita a submissão que denigre a honra inerente do macho, outro porque a proporciona.

O lado feio do ato sexual não é culpa de Salomão, nem minha e nem sua. A falta de liberdade para mulher ser plena na relação sexual, inclusive ao desejar ou não participar da mesma, e toda essa carga dominadora masculina na história bíblica e na antiguidade, gera um entrave entre bíblia, atividade sexual e você, "crente" frustrado nesta área vital.

Para Salomão, os seios de sua amada eram como cachos de uva – cachos de uva são chupados, mordidos, comidos. Não tem como "santificar" isso aqui; é o que é: desejo sexual explícito, bonito e concedido ao casal com liberdade e dádiva pela engenharia criativa do Eterno.

Estamos em meio aos tabus sobre "o que é pecado", em relação ao sexo. Precisamos deixar o pânico diante do "como" e do "quem". Receber como dádiva o que somos e explorar com amor a plenitude de tudo que seja cacho de uvas a dois é urgente. É necessidade atual superar os defeitos atuais que partem de velhos remendos no "como" ter prazer sem culpa. Vencer o Woody Allen na maioria dos dias, perdoando-se ao perder de vez em quando para não se acostumar.

Partilha sexual é dádiva perfeita criada para o homem e a mulher sujeitarem seus corpos aos cuidados um do outro, não há laço de conexão maior. Aproveite!

Jhon Souza

SEXO COMO NIVELAMENTO

PARTE II

“Eu dormia, mas o meu coração velava; e eis a voz do meu amado que está batendo: abre-me, minha irmã, meu amor, pomba minha, imaculada minha, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos das gotas da noite. Já despi a minha roupa; como a tornarei a vestir? Já lavei os meus pés; como os tornarei a sujar? O meu amado pôs a sua mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremeceram por amor dele. Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos gotejavam mirra, e os meus dedos mirra com doce aroma, sobre as aldravas da fechadura. Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado tinha se retirado, e tinha ido; a minha alma desfaleceu quando ele falou; busquei-o e não o achei, chamei-o e não me respondeu.” (Cânticos 5: 2-6, NVI)

– Vamos lá, Robin... é do meu pênis que estamos falando. Você já a viu, ela é magnificente.” — Barney

– Ela?” — Robin

– Todo pênis é uma garota, Robin. Todo mundo sabe disso. Como barcos... e monstros do lago.”

"Quando um não quer dois não brigam" é um ditado muito conhecido popularmente, e que faz certo sentido acima no texto de Cantares, nele vemos o "amado" que fugia da chuva fina do fim de noite e resolveu se esconder onde poderia ganhar mais do que um carinho, um dengo, um chamego e uma alegria.

Ele toca o interfone cheio de orvalho na sua cabeça, molhado de expectativas e vontades.

A amada já tinha tomado seu banho, feito sua limpeza de pele, perfumado seu corpo (dá-lhe monange no corpinho!), e, pasmem, já estava nua! Ao ouvir o sinal, pensa em todos os processos realizados. Resolve fazer charminho, já deitada na cama, dizendo que daria trabalho receber o seu amado, fala que seria difícil abrir porque não estava pronta.

O sujeito apaixonado, em sua urgência, põe a mão na maçaneta e gira para os dois lados. Ela, percebendo que sua provocação surtira efeito, sente borboletas voarem no seu ventre.

Do nada o silêncio, ela percebe por um momento o quanto podia ser legal a noite, fantasia o prospecto de uma noite quente entre eles. Salta da cama, molhada de mirra e de perfumes mais doces. A noite será deles. Ela destranca a porta, e só enxerga o lado de fora... Volta para dormir decepcionada.

A igreja ou aplaude esse texto pela frustração sexual da “amada”, ou apenas se entristece por se imaginar no lugar dela como noiva de Cristo.

Provavelmente, nenhum aspecto da visão de mundo do Filho do Homem diverge do restante da Bíblia de modo mais espetacular (e mais repleto de consequências) do que a postura de Jesus a respeito do sexo. Jesus via a sexualidade como nenhum outro autor ou personagem da bíblia antes ou depois dele.

O Antigo Testamento, escrito antes de Jesus falar, e a porção bíblica pós-evangelhos do Novo Testamento, registrada depois que Jesus falou, são marcados por alguma medida de pessimismo.

Comportam opinião de que o desejo e a atividade sexual é um problema, uma ameaça, um embaraço que requer monitoramento e gestão para sempre de modo que a vontade de Deus seja honrada e a sociedade não resvale no mais completo caos.

Por motivos que não entendo, poucas décadas depois da aventura terrena de Jesus, a igreja já havia desenvolvido, e seguiu propagando por séculos, um pessimismo sexual muito mais acentuado do que qualquer coisa presente em quaisquer dos Testamentos. A igreja não demorou a desqualificar não só o relacionamento sexual antes e depois do casamento (legislando sobre virgindade e divórcio), mas, durante a conjugalidade estabelecida (convidando gente casada a renunciar, até mesmo, ao ato sexual reprodutivo).

Não foi com a bíblia que a igreja aprendeu encorajar e fazer propaganda da abstinência sexual. Com toda a probabilidade, os cristãos dos primeiros séculos assimilaram essa ênfase dos estóicos, de quem herdaram ainda uma aversão generalizada contra tudo na experiência humana que produza tesão e prazer.

Em vários âmbitos, a igreja institucional parece estar menos voltada a legislar contra a relação sexual do que a regular contra o prazer.

Por esse lado, pouco mudou em mais de mil anos. A luta contra o prazer legítimo determinou o dogma da virgindade perpétua de Maria, e fez com que Agostinho concluísse que, se rolou sexo antes da queda, Adão e Eva fizeram-no sem sentir qualquer prazer no processo. Ridículo, mas realmente defendido pelo pensador.

Nos dias atuais, a igreja institucional possui uma grave relutância em admitir determinadas práticas – relacionamento sexual antes do

casamento, contracepção, homossexualidade e aborto –, em grande parte, porque endossá-las seria conceder alguma parcela de aprovação ao ato sexual realizado por prazer, não redimido pela possibilidade ou intencionalidade da reprodução.

Tomar por correto o prazer de usufruir da sexualidade, a igreja institucional determinou desde cedo que, não será seu jeito de agir.

Todas as culturas acharam necessário levantar alguns entraves protetores ao redor da prática sexual. Porém, ao reduzir a moral à expressão da sexualidade, o cristianismo efetuou a façanha sem precedentes de colocar o sexo no centro de todas as coisas. Nem mesmo as mais sexualizadas religiões pagãs, que incentivavam a prática sexual pública como parte integrante da expressão religiosa, conseguiram colocar a sexualidade exercida como centralidade cultural, como fez a instituição cristã em sua costumeira ação proibitiva.

A postura de Jesus a respeito da sexualidade é tão diferente, tão divergente de tudo que acabou associado ao seu nome, que é mais fácil ignorar a sua cosmovisão do que encarar as consequentes implicações de assumi-la.

A primeira indicação dessa diferença, e de modo nenhum a menos importante, é o fato de que o Jesus dos evangelhos se ocupa pouco sobre tema específico do exercício da sexualidade. O Filho do Homem tinha muito a dizer sobre o que achava importante, mais a clarear sobre a cultura errada introjetada e muito mais a ensinar sobre o que sabia necessário fazer e deixar de fazer para bem viver.

Seu silêncio quase completo sobre o assunto serve para demonstrar a pequena preocupação que ele o movia diante da questão. Por

tudo que já estudei, creio que Jesus não entenderia, não endossaria e não saberia reconhecer a própria influência sobre a centralidade que a igreja delegou aos dilemas da expressão sexual em seu nome.

Em particular, em momento algum Jesus associa a legitimidade do ato sexual à ausência de prazer. O Mestre faz ainda menos para associar prazer e pecado, como vem formalizando a igreja por mais de dois mil anos.

Seduzida pela aparência de seriedade das filosofias gregas, a igreja decidiu muito cedo que os aspectos sensoriais e emocionais da condição humana são, por natureza, mais perigosos e menos legítimos do que as operações mentais.

O corpo, ficou decidido a partir da pregação pessimista dos gnósticos, é visto como forte ameaça à integridade espiritual. Na visão de mundo de Jesus, os dilemas da sexualidade não nos distinguem: eles nos unem, servindo como nivelador moral absoluto e universal.

Os prazeres dos sentidos, mesmo aqueles mais moderados e menos controversos, foram considerados gravíssimo estorvo no caminho da maturidade cristã.

Desse modo, periodicamente as culturas se veem obrigadas a desaprender o ensino da igreja e reaprender a revelação evangélica de que Jesus não tinha nada contra o prazer. Periodicamente, os homens se aproximam dos evangelhos e redescobrem um Filho do Homem inteiramente apaixonado pelas coisas belas, visíveis e palpáveis, pelos campos em flor e pelos vinhos de qualidade, pelo pão bem feito e pela fruta colhida a seu tempo, pelos bons perfumes

e pelos grandes banquetes, pelo afeto do amigo e pela caminhada matinal – um sujeito mergulhado na experiência dos sentidos e afetos a ponto de ganhar a reputação de bêbado e comilão.

Esse Jesus descalço e grato diante da riqueza sensorial da condição humana foi redescoberto por São Francisco de Assis, no século XII, e me parece meio perdido do século XX para cá.

Supomos que a plena aprovação por parte de Jesus dos aspectos integrais da condição humana se estendia sem qualquer interrupção aos prazeres do sexo. E a maior confirmação disto é que, quando fala sobre sexualidade, Jesus imprime à questão um matiz que nenhuma figura bíblica soube antecipar ou repetir.

Diferente de João Batista, que achou necessário confrontar o tetrarca Herodes Antipas pelo caráter irregular de suas relações amorosas, em nenhum momento Jesus enfatizou ou achou necessário fiscalizar o cumprimento das regras estabelecidas de pureza sexual.

O Filho do Homem, que denunciava com palavras de fogo a superficialidade e a mesquinhez de gente que se achava santa, não gastou uma palavra para condenar as irregularidades sexuais de quem quer que fosse, pessoalmente ou num discurso público.

Nas raras ocasiões em que menciona relações amorosas não-convencionais, Jesus o faz sempre em tom de constatação, nunca de condenação. É o que acontece por exemplo no seu encontro com a mulher samaritana no poço de Sicar, narrado no quarto capítulo do evangelho de João:

"Você está certa quando diz que não tem marido.
Você já teve cinco maridos, e o homem com quem

você está agora não é seu marido. O que você diz é a pura verdade." (João 4:18, NVI)

A gentileza da abordagem é evidente – especialmente levando-se em conta que estavam os dois sozinhos no poço, e que foi Jesus a dirigir-se à mulher em primeiro lugar. A narrativa convida explicitamente a que nos maravilhemos diante do fato de que Jesus estava se dirigindo a uma mulher, a uma samaritana.

O contexto e o tom da conversa servem para assegurar que, quando recapitula a irregularidade das suas relações amorosas Jesus não o faz para que a mulher se sinta inadequada, mas de modo a que possa enxergar, sem subterfúgios, o mal que vem fazendo a si mesma.

Nas partes da cidade que as pessoas de bem preferem evitar você pode vir a encontrar, de vez em quando, um evangélico radical, uma freira ou um franciscano que conversa, trata as feridas ou reparte o seu prato com gente, aparentemente, irremediável: uma jovem drogada, um traficante, um michê, um travesti. Tais antiquados cavalheiros são irmãos e herdeiros de Jesus, o único personagem bíblico que uniu a reputação de homem de Deus com a de ser visto à mesa com cafajestes e pecadores.

Que Jesus não se envergonhava de ser visto trocando ideia com gente de reputação sexual duvidosa fica explícito de várias formas, sendo um tema recorrente nas narrativas dos escritores dos evangelhos. Enfatizar sua singeleza relacional é o propósito da narração do jantar em Lucas 7: 36-50.

Há, porém, indicações mais sutis dessa sua peculiaridade. Enquanto os religiosos do seu tempo preferiam não se contaminar

com determinadas palavras, Jesus descarta os eufemismos como “mulher pecadora” e dá preferência ao termo direto: prostitutas. Desse modo, o Filho do Homem alia a façanha de ser o único nos evangelhos a chamar as prostitutas pelo que elas são ao fato de jamais mencioná-las sob uma forma não positiva – e, portanto, tendo atitude claramente subversiva.

"Se vocês querem mesmo saber, os cobradores de impostos e as prostitutas estão entrando no reino de Deus antes de vocês." (Mateus 21:31)

Vivam com isso!

Jesus, persistentemente, trabalhou para desconstruir a noção piedosa (e enganosa) de que a conformidade estrita à norma sexual tem poder de nos tornar gente admirável como se distinta da massa condenável de luxuriosos e libertinos.

De forma evidente, esta é a função da desconcertante observação de Jesus registrada no quinto capítulo do evangelho de Mateus: "Vocês ouviram o que foi dito: ‘não cometam adultério’. Eu de minha parte venho informá-los que qualquer um que deseja uma mulher olhando para ela já é culpado de adultério em todos os sentidos que importam."

Para Jesus, o exercício da sexualidade era um mecanismo nivelador entre os homens.

Óbvio que não como para o Barney no texto de título, afinal chamar um órgão sexual masculino de "ela", não nivela ninguém com ninguém, é apenas uma piada barata e infame.

A lição deixada é simples: desarmem-se. Parem de agir e de falar como se a pureza sexual fosse alguma medida de distinção.

Os dilemas da coerência sexual não nos distinguem, apenas, nos unem. Os relacionamentos sexuais, ao contrário de dar evidência de que somos melhores do que os outros, é um grande nivelador.

Os “santinhos” e os “putões” são indistinguíveis na sua incapacidade em fornecer uma resposta equilibrada para o próprio desejo.

Porém, é claro: em nenhum outro momento Jesus deixa mais evidente sua ótica de que o sexo é o maior nivelador humano, que no confronto em que Jesus convidou seus antagonistas a que violassem a lei. Seu único e imbatível argumento foi sua visão particular de mundo. Os fariseus que queriam apedrejar a mulher apanhada em adultério (João 8:1-11). Um dos argumentos mais convincentes para a existência de Deus, na minha opinião, é o fato de que essa passagem não tenha sido suprimida ao longo de dois milênios de história da igreja.

Como ninguém ignora e como não custa lembrar, Jesus não procurou convencer os presentes da injustiça da lei mosaica, que requeria a execução sem apelação de quem fosse apanhado em adultério (“tanto o homem quanto a mulher devem ser executados”, diz o verso 3, embora o homem tenha encontrado modo de escapar deste confronto particular).

Sábia e reflexivamente, o Rabi limitou-se a requerer que atirasse a primeira pedra alguém que estivesse sem pecado. As pedras seguintes, aparentemente, poderiam ser atiradas por qualquer um.

Como se sabe, nenhum dos acusadores sentiu-se à altura do requerimento, pelo que a mulher foi poupada da primeira pedra e

das seguintes, e deixada em paz diante do seu salvador.

A mulher saiu ilesa, mas o mesmo não pode ser dito da lei de Moisés. O Pentateuco determinava que fossem as testemunhas de um crime a atirar as primeiras pedras (Deuteronômio 17:7), e não dava qualquer margem para que a condenação fosse sustada caso não se encontrasse alguém sem pecado para executá-la. Na verdade, não havia qualquer previsão de relaxamento da pena para quem fosse apanhado em adultério. A absoluta ênfase da lei está em:

“ambos devem morrer, para que o mal seja exterminado de Israel” (Deuteronômio 22:22, NVI).

Em resumo, Jesus convidou seus antagonistas religiosos a que violassem a lei religiosa em todos esses pontos, e seu único argumento foi a sua visão particular de mundo: não deixem, meus caros, que sua pureza nominal dê a vocês alguma impressão de distinção.

O desejo sexual é um grande nivelador, e quem for honesto consigo mesmo e com os seus impulsos não deixará de entender isso. Na área da sexualidade, ainda mais do que nas demais, ninguém deve sentir-se livre para achar-se menos merecedor de condenação do que qualquer outro.

Da mulher indisposta, que volta atrás tanto quanto o homem que desiste quando não é recebido, até o Barney, que está equivocado quanto à utilidade de sua informação, todos estamos nivelados pelo mesmo impulso, todos caminhamos pelo mesmo chão.

Não podemos pelos exemplos acima enxergar Jesus como um ser neutro quanto à sexualidade; nem a bíblia, mesmo diante dessa

rachadura entre o Velho e Novo testamento, bem como o Novo e a tradição Cristã não estão isentos nesta questão.

O desejo, e a frustração são partes integrantes do jogo da sedução e da ampliação do sensorial.

A igreja reprimida decidiu não gozar desse prazer; aplaudiu a tristeza da moça cheia de óleo, mas sem o amado.

Estamos na incompreensão de nossa totalidade, porque não estamos conectados com o Absoluto que nos desvenda de nossas frustrações. Nele não há tabu.

Jhon Souza

O LEGADO DE THANOS

OS VINGADORES – GUERRA INFINITA

Se você é um ser humano contextualizado, você deve ter assistido “Vingadores – Guerra Infinita”. Sem dúvida nenhuma, o melhor e mais aguardado filme da Marvel. Agora, se você é acima de média, você deve ter assistidos os dezoitos filmes que antecederam e que deram a base para esse filme extraordinário que foi o Guerra Infinita. Segue a lista desses dezoitos filmes, caso você seja somente medíocre.

- 1 – Homem de Ferro (abril de 2008)
- 2 – O Incrível Hulk (junho de 2008)
- 3 – Homem de Ferro 2 (abril de 2010)
- 4 – Capitão América – O Primeiro Vingador (julho de 2011)
- 5 – Thor (outubro de 2011)
- 6 – Os Vingadores (27 de abril de 2012)
- 7 – Homem de Ferro 3 (abril de 2013)
- 8 – Thor: O Mundo Sombrio (novembro de 2013)
- 9 – Capitão América 2: O Soldado Invernal (abril de 2014)
- 10 – Guardiões da Galáxia (julho de 2014)
- 11 – Vingadores: Era de Ultron (abril de 2015)
- 12 – Homem-Formiga (julho de 2015)
- 13 – Capitão América: Guerra Civil (abril de 2016)
- 14 – Doutor Estranho (novembro de 2016)
- 15 – Homem Aranha: De Volta ao Lar (julho de 2017)
- 16 – Guardiões da Galáxia: Vol. 2 (abril de 2017)
- 17 – Thor: Ragnarok (outubro de 2017)

18 – Pantera Negra (fevereiro de 2018)

E, finalmente, o incrível, o espetacular, o inimaginável “Os Vingadores – Guerra Infinita”

Eu não sei você, mas eu quase fui arrebatado ao assistir essa maravilha cinematográfica. Fiquei por vários dias pensativo após assistir, e esse foi o único filme que me levou a assisti-lo duas vezes seguidas no cinema.

Bem, chega de tecer elogios ao filme e vamos direto ao ponto que quero destacar no filme.

A trama toda se desenrola com o personagem e vilão Thanos, que tem uma missão muito bem definida; matar metade da população do universo. Motivo dessa missão: ele entende que os recursos do universo não são o suficiente para toda a população; logo, matando metade, ele resolve o problema. E ele sai em busca das seis joias do infinito, que juntas poderiam lhe dar o poder suficiente para cumprir sua missão.

A primeira pergunta que eu me fiz diante dessa trama foi: “ele vai escolher a metade que vive e a metade que morre?”. Porque se ele escolher, podemos enquadrá-lo como um genocida, tentando extinguir uma fatia da população que ele entende ser inferior. Por mais louco que seja esse plano, já vimos algo bem parecido na História.

Respondendo minha pergunta: não, Thanos não escolheria quem morre e quem vive. Seria uma escolha aleatória do poder das joias. Diante disto, poderíamos até perceber certa nobreza na sua causa. Afinal, já que todos vão sofrer por falta de recursos, melhor que metade seja poupada .

Mas, me surgiu outra dúvida: “O Thanos entraria nessa seleção natural entre quem morre e quem vive?”. Afinal, se as jóias escolheriam aleatoriamente, o próprio Thanos poderia ser um dos que morreriam.

E a resposta chega rápida: não, o Thanos, seria o único ser no universo que não faria parte do sorteio, afinal, ele é quem detém o poder das joias do infinito.

O ponto “x” da questão, que destrói qualquer “honra” aparente no plano do Titã louco, foi este. É muito fácil salvar metade em detrimento a outra metade, quando você próprio não faz parte da metade que sucumbi.

A problemática do plano do Thanos se resume a: Uma vida vale mais que outra?! É justo acabar com uma vida para salvar outra?! Temos a condição de mensurar o valor de uma vida?!!

Quem responde isso é o Steve Rogers, o Capitão América, falando a frase mais marcante do filme. Uma das formas dos vingadores acabarem com o plano do Thanos, é destruindo pelo menos uma das joias do infinito, assim seria impossível juntar as seis peças.

A que está em poder dos vingadores é a joia da mente, que deu a vida ao Visão e o mantém vivo. O próprio Visão toma a decisão e pede para que seus colegas destruam a joia que está presa em sua testa. Destruindo a joia, eles anulariam o plano do Thanos, salvariam metade do universo, mas fatalmente o matariam. Para este herói é bem simples, bilhões de vidas valem mais que uma única; e, aparentemente, faz sentido. Mas, o Capitão América, fecha a questão dizendo: “nós não negociamos com vidas”.

Eu sei que você, leitor, pode estar pensando: “poxa, mas acabar com uma vida para salvar bilhões vale muito a pena”. Eu concordaria com você se essas questões fossem medidas pela matemática, mas não são. Aliás, qual régua de medida podemos usar para medir uma vida? Temos essa régua? Temos condição de avaliar isto? Temos este direito?

Se alguém decidisse que a vida do Visão valia menos que qualquer ou quaisquer outras vidas, no que diferenciaria do plano do Thanos?

Nenhum ser humano tem a condição de colocar valor sobre outra vida, não conhecemos uma régua de medida acessível. O prumo decisivo pertence única e exclusivamente ao Criador, eu creio.

Certa vez, homens que se achavam melhores do que outros, levaram uma mulher pecadora aos pés de Jesus, que segundo eles, não merecia mais viver.

“Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos, e disseram a Jesus: ‘Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?’

Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo.

Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: ‘Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela’.

Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão.

Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando pelos mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele.

Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe:

‘Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?’

‘Ninguém, Senhor’, disse ela. Declarou Jesus:

‘Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado’. (João 8:1-11 - NVI)

Uma das cenas mais intrigantes da bíblia, em que ninguém sabe porque ou o que Jesus escreveu na areia. Eu também não tenho essa informação, mas tenho meu palpite.

Diante de homens que se achavam melhores do que outros, frente a criaturas se colocando no lugar de criador, confrontado por ser humanos colocando um valor “X” em um semelhante, acredito que Jesus se reclinou ao chão, e colocou suas mãos no pó, lembrando exatamente de onde viemos e para onde voltaremos. Lembrando da matéria prima que Ele mesmo usou para nos criar: o pó. Somos pó da terra, meros pó.

Defronte da inexplicável arrogância de suas criaturas, Jesus finaliza a discussão equiparando todos, colocando cada um no devido lugar: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela.”

João Paulo Berlofa

DIAS MELHORES

Jota Quest

“Vivemos esperando
Dias melhores
Dias de paz, dias a mais
Dias que não deixaremos para trás
Vivemos esperando
O dia em que seremos melhores
Melhores no amor, melhores na dor
Melhores em tudo
Vivemos esperando
O dia em que seremos para sempre
Vivemos esperando
Dias melhores para sempre”

(Dias melhores – Jota Quest)

Viver esperando. Aparentemente é isso que a maioria das pessoas que professam a fé cristã fazem; vivem esperando.

Esperando o “grande dia”. Aquele dia em que Jesus virá e fará tudo novo. O dia em que Ele mesmo enxugará toda a lágrima, em que Ele nos dará um novo nome, em que viveremos a eternidade com Jesus.

Existe até um termo que é muito utilizado por nós para descrever essa ânsia de viver esperando – Maranata, que significa “vem logo, senhor Jesus”.

Mas, seria essa a vida que Jesus propôs que vivêssemos enquanto Ele não vem?! Seria essa vida um grande fardo, em que vivemos esperando que acabe logo, para podermos viver a nova vida em Cristo?!

Sim, a fé cristã vive a espera, aliás essa é a nossa esperança, a esperança da espera. Mas, não é só isso, não pode ser só isso!

Talvez, o motivo para vivermos apenas esperando, é porque estamos confundindo a nossa esperança com uma utopia?

Utopia é uma ideia de civilização ideal, fantástica, perfeita, justa, porém, fruto da imaginação humana. É um sistema ou plano tido como irrealizável. É uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho. Do grego “ou+topos”, que significa “lugar que não existe”.

A utopia tem lá a sua função, a função da anestesia, aquela que minimiza a nossa dor, mesmo não curando a causa dela.

A utopia é como uma miragem no deserto, um oásis em meio a um mar de areia escaldante. Parece perfeito, é super atraente, mas não se tornará realidade nunca. Existem relatos de pessoas que se perderam em meio ao deserto e só sobreviveram por causa das miragens pois, ao enxergar um oásis no horizonte, os viajantes encontravam forças para se movimentar rumo a ele.

Alguns tratam o evangelho dessa forma, uma utopia, uma miragem. Algo que de fato não existe, mas que de alguma forma os motiva a continuar a caminhada. Estes, passam a vida olhando para uma miragem, correndo atrás de um horizonte fantasioso e inalcançável, que nunca experimentaram.

O evangelho não é isso, o evangelho não é uma utopia, o evangelho não é uma miragem. O evangelho é real, possível e necessário de ser experienciado já.

Como bem disse o escritor e bispo Dom Robinson Cavalcanti, “A missão da Igreja é manifestar aqui e agora a maior densidade possível do Reino de Deus que será consumado ali e além.”

Dom Robinson resumiu de forma extraordinária qual deve ser a nossa posição como igreja. Sabendo que a plenitude do Reino de Deus será consumada por Ele na eternidade, devemos viver como se este Reino dependesse de nós para se manifestar, mesmo admitindo que não depende.

Os onze apóstolos fizeram a mesma confusão certa vez...

“Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei. Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo.

Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?”

Ele lhes respondeu:

“Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.” (Atos 1:4-8 - NVI)

Jesus passou quase três anos de sua vida com seus doze apóstolos, ensinando sobre o que eles deveriam fazer assim que ele

partisse. No primeiro encontro que tiveram após a morte e ressurreição do Mestre, os alunos mostraram que na verdade não haviam entendido absolutamente nada sobre o que Jesus havia proposto a eles durante os três últimos anos. Estavam vivendo na mesma expectativa que a maioria dos crentes que clamam “Maranata” vivem: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?”

A pergunta que não queria calar e não calou até hoje é “quando é que o Senhor vai voltar para destruir todo esse negócio aqui, e nos levar para a glória?”

E a resposta de Jesus foi um tanto decepcionante: “Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade.”

Não adianta fazer contas, estudar escatologia, fazer uma leitura profética do livro de Daniel, ser amilenista, pós-tribulacionista, ou qualquer “ista”. Pois, NÃO COMPETE A NÓS SABER ESSE TEMPO.

A preocupação não deve ser essa, e sim: “receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.”

Bem como essa música incrível do Jota Quest propõe, podemos e devemos viver as nossas vidas esperando esses dias melhores, esses dias de paz, esses dias eternos. Mas, a proposta de Jesus para nós, Igreja, é que manifestemos, aqui e agora, a maior densidade possível do Reino de Deus que será consumado ali e além.

João Paulo Berlofa

DE PUTA A APÓSTOLA

Maria Madalena

Para mim, não há personagem histórico bíblico que tenha sofrido tanto o peso das projeções moralistas da sociedade patriarcal como Maria Madalena.

Quando você pensa nela, provavelmente o que vem em sua cabeça é a figura de uma prostituta, uma mulher da vida, sem família, sem rumo, aquela da qual Jesus teve que exorcizar sete demônios para tomar jeito.

Pergunta que não quer calar: De onde tiramos essa ideia?!

Bem, tal conceito sobre Maria Madalena não é bíblico. Foi criado pelo Papa Gregório no século 16, e nos últimos 500 anos temos acreditado nisso.

“Aquela a quem o evangelista Lucas chama de mulher pecadora é a Maria da qual são expulsos os sete demônios, e o que significam esses sete demônios, se não todos os vícios?”, proclamou o Papa Gregório Magno, no ano 591.

Não é difícil entender o porquê da criação desse conceito, e nem o porquê ele “pegou” tão fácil, afinal, a instituição chamada igreja é uma estrutura machista e autoritária.

Eu poderia fazer uma construção teológica e histórica sobre esse assunto, mas fico muito feliz por não precisar ir tão fundo. Recentemente, duas brilhantes mulheres fizeram isso de forma esplêndida e ainda transformaram em um maravilhoso filme.

O filme “Maria Madalena”, escrito pelas roteiristas Helen Edmundson e Philippa Goslett (Poucas Cinzas: Salvador Dalí), dirigido pelo jovem cineasta australiano Garth Davis, diretor do elogiado Lion – Uma Jornada para Casa, foi lançado no mês de março de 2018, mas eu só tive a oportunidade de assistir recentemente.

O longa mostra uma Maria que a história eclesiástica tentou esconder: uma mulher à frente do seu tempo, quebradora de regras impostas pelo machismo, não aceitando aquela submissão feminina posta pela sociedade da época. Uma mulher tão revolucionária que chegou a ser acusada pelo próprio pai e irmão de estar possuída pelo demônio.

Não sei se posso dizer que a Maria Madalena foi a primeira feminista da história, mas, provavelmente, é a primeira da qual temos notícias nas escrituras.

“Eu nunca vou me calar e serei ouvida.” (Maria Madalena - frase do filme).

Já tivemos outros filmes falando sobre a história da Maria, principalmente sobre seu envolvimento com Jesus. O mais conhecido foi o Código da Vinci, que trata sobre uma suposta linhagem fruto de um suposto romance entre os dois.

O longa “Maria Madalena” traz uma perspectiva menos hollywoodiana e mais real, palpável e verdadeira. Sem apedrejamento, sem um envolvimento romântico entre Maria e Jesus, a história mostra a luta de uma mulher na busca pelos seus direitos mais ínfimos frente a uma estrutura absurdamente machista.

Umas das principais desconstruções que o filme traz em minha opinião, é que a Maria, ao contrário da mentira que inventaram, não era e nunca foi uma prostituta. Aliás, recentemente o Papa Francisco mudou a história da personagem, oficializando o reconhecimento de Maria Madalena como apóstola de Jesus Cristo pelo Vaticano, em 2016.

Porém, o Papa Francisco não foi o primeiro a dizer isso. Santo Tomás de Aquino reserva o título singular de “Apóstola dos Apóstolos” (apostolorum apostola), dedicando-lhe este belo comentário: “Como uma mulher havia anunciado ao primeiro homem palavras de morte, assim também uma mulher foi a primeira a anunciar aos Apóstolos palavras de vida”.

É triste ver como uma mentira vinda do fundamentalismo tem mais voz que as verdades expressas na História. Informações sobre Maria Madalena ser puta e endemoninhada não temos alguma; já informações que ela foi uma discípula fiel do Cristo, que ela sustentava financeiramente o ministério de Jesus, mesmo numa sociedade em que as mulheres não podiam empreender, que ela foi a primeira a ver o Cristo ressurreto, e acima de tudo, que foi a primeira a receber uma missão apostólica direta de Jesus, estas informações temos à vontade nas escrituras.

O Evangelho de Lucas por exemplo, é o que mais relata a presença de Maria Madalena, não só de forma esporádica, mas desde o início do ministério de Jesus na Galileia, acompanhando-o passo a passo, fazendo parte do seu dia-a-dia e do grupo itinerante. Ainda que as informações sobre ela sejam escassas, comparadas a outros personagens bíblicos, seu nome aparece mais vezes que qualquer

outra mulher no Novo Testamento e, na maioria delas, antes das demais.

Comumente, a história é contada pelos que dominam, e infelizmente nos últimos dois mil anos, a coisa toda vem sendo manipulada por uma estrutura machista e moralista, que nos apresentou uma Maria Madalena problemática, vagabunda e endemoninhada. Enfim, graças a Deus e a coragem de mulheres que, assim como a Maria, não aceitam se calar, a real versão está sendo divulgada.

O verdadeiro lugar de Maria Madalena na história é ao lado de Jesus, como uma discípula fiel, como a primeira pessoa a receber a missão apostólica do Mestre. Confirmando que, o autêntico lugar da mulher na igreja é à frente, pastoreando, liderando, servindo, apostolando.

Mulheres, não aceitem a posição que a sociedade e principalmente o fundamentalismo religioso tentaram impor a vocês. Nunca deixem que alguém lhes acuse de rebelde, amaldiçoada, ovelha negra ou algo do tipo, por questionar essas bizarrices dos bastidores das igrejas. Promovam discussões, falem, questionem, lutem, ajam, pois é justamente o comportamento que Jesus espera de vocês e lhes ensinou a fazer.

No tempo presente, tenho plena certeza de que a igreja só está vivenciando uma certa decadência, porque retiramos as mulheres de seus lugares de direito.

João Paulo Berlofa

DEUS É UMA NOTA DE 100

Racionais Mc's

Aí truta, é o que eu acho e quero também.

Mas, em São Paulo, Deus é uma nota de 100

Vidaloka!

Vidaloka Parte II - Racionais Mc's

Eu não quero nem examinar todo conteúdo desse rap, já que teria de escrever um texto quilométrico. Vou me atentar à última frase, que desde a primeira vez que ouvi me marcou – “Em SP, Deus é uma nota de 100.”

Em São Paulo, no Brasil, na América Latina, no mundo...

Desde que o homem descobriu que “deus” é a melhor e mais eficiente ferramenta de manipular o povo para ganhar poder e dinheiro, deus passou a ser muito atrativo.

Como diria o arcebispo Desmond Tutu: “Não há nada mais político do que dizer que religião e política não se misturam.”

Em outro de seus escritos, ele também afirma: "Quando os missionários chegaram à África, eles tinham a Bíblia e nós, a terra. Disseram-nos: "Vamos rezar". Fechamos nossos olhos. Quando os abrimos, nós é que estávamos com a Bíblia e eles com a terra."

Mais uma citação que explicita como a religião têm mais interesses políticos do que podemos imaginar, e vice e versa.

Atualmente, temos assentado na cadeira da presidência de nosso país um homem que se intitula católico, homem de fé, defensor da

moral e dos bons costumes. Que venceu as eleições com o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. O que deveria ser um crime em um estado laico como o nosso, tornou possível a eleição desse cidadão como chefe do estado maior. Mesmo sendo por confissão católico, Jair Bolsonaro pulou de púlpito em púlpito nas igrejas evangélicas fazendo campanha eleitoral. Mesmo já sendo batizado em sua tradição católica, Bolsonaro aceitou “descer às águas” no rio Jordão, cumprindo um sacramento protestante. Não é nenhuma novidade, também, seu envolvimento e frequência nas reuniões da maçonaria, e, recentemente, declarou que se faz necessário colocar um evangélico como membro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Entretanto, não só para benefício próprio, Jair Bolsonaro (JB) usou a religião como um marketing negativo contra seus oponentes nas urnas. Quem é que não conhece algum cristão que votou 17 para afastar de vez o “demoníaco comunismo” do PT (Partido Trabalhista)? Ou, até mesmo, aqueles que votaram em JB para anular os planos maléficos da esquerda de quebrar os bons costumes cristãos enchendo nossas escolas com mamadeiras de piroca e kit gay?

Lembremos, ainda, que no dia 28 de outubro de 2018, dia em que foi confirmada a vitória de Bolsonaro nas urnas, em uma de suas primeiras aparições em rede nacional, Jair contou com “ungida” oração do pastor Magno Malta, que foi um de seus principais cabos eleitorais durante toda campanha. Pessoa que, logo após a vitória do Bolsonaro, admitiu que esperava um “carguinho” no ministério.

Tivemos, somando a tudo, o apelo emocional da “conversão” de Alexandre Frota, ex ator pornô, inclusive de filmes homossexuais,

que para a “glória de Deus” apareceu de terno e gravata, restaurado, convertido, arrependido, e mais do que tudo um defensor da família brasileira e dos bons costumes.

Pois é, em um país com aproximadamente 90% de sua população adepta ao cristianismo, temos que admitir que a equipe de marketing do presidente Jair “Messias” Bolsonaro foi “satanicamente” esperta.

E hoje, mais do que nunca, as palavras do Tutu ressoam em nossos ouvidos: “Não há nada mais político do que dizer que religião e política não se misturam.”

Não pense que a junção entre política e religião seja algo novo; acontece desde que o mundo é mundo, e continuará existindo para delírio da galera. Nos dias em que Jesus andava pela Terra, a religião usava a política e a política usava a religião para manipulação do povo e manutenção do poder.

Lucas, um dos biógrafos de Jesus, faz uma séria denúncia contra esse sistema:

“No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judéia; Herodes, tetrarca da Galiléia; seu irmão Filipe, tetrarca da Ituréia e Traconites; e Lisânias, tetrarca de Abilene; Anás e Caifás exerciam o sumo sacerdócio. Foi nesse ano que veio a palavra do Senhor a João, filho de Zacarias, no deserto.”
(Lucas 3:1-2, NVI)

Ué, cadê a denúncia?!

É bem provável que, fazendo uma leitura corrida do texto, não percebamos a profundidade do lamaçal que o Lucas está relatando. O que o autor está relatando aqui é a folha de pagamento do Tibério, que em sua função de Cezar, fez alianças políticas com os principais governantes da região, instaurando uma capitania hereditária do caos, incluindo os principais líderes da religião judaica daquele tempo, Anás e Caifás.

Outro detalhe importante ao qual, talvez, não nos atentamos ao ler o texto citado é que havia dois sumos sacerdotes. Hilário e impossível, visto que, como o próprio termo impõe, sumo comportaria apenas um na função. Mas, Anás e Caifás, que eram sogro e genro, exerciam juntos o tal cargo, promovendo a manutenção da estrutura de poder religioso.

A política estava completamente corrompida e a religião estava no bolso dos governantes. Pergunta-se: “E Deus?! Onde estava Deus neste negócio?”

A saber, Deus estava no deserto, junto com o Seu Sumo Sacerdote escolhido – João, o batista. Afinal, por mais que os poderosos usem o nome de Deus para manter seus cargos de domínio sobre o povo, o dono do nome não tem absolutamente nada a ver com eles. Deus estava no deserto, nos guetos, nas vielas, nos prostíbulos, nas biqueiras, nos infernos, em qualquer lugar, menos dentro de um sistema maligno e opressor.

E João, a voz profética, estava cumprindo seu papel denunciando tais sistemas:

‘O que devemos fazer então?’, perguntavam as multidões. (Lucas 3:10)

Vendo a corrupção posta sobre seus governantes, o povo começou a dar ouvidos a um “louco” que vivia no deserto, se alimentava de carne de gafanhoto, nunca havia cortado os cabelos ou feito a barba, uma figura bizarra, mas que tinha um discurso que fazia sentido naquele momento:

Respondia: ‘Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo’. Alguns publicanos também vieram para serem batizados. Eles perguntaram: ‘Mestre, o que devemos fazer?’ Ele respondeu: ‘Não cobrem nada além do que lhes foi estipulado’. Então alguns soldados lhe perguntaram: ‘E nós, o que devemos fazer?’ Ele respondeu: ‘Não pratiquem extorsão nem acusem ninguém falsamente; contentem-se com o seu salário’. (Lucas 3:11-17)

Ao povo, uma palavra de ânimo: “Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo”.

Como disse o historiador Leandro Karnal: ‘Não existe país com governo corrupto e população honesta’.

A proposta do Batista para o povo foi “comecem por vocês”.

Se acreditamos em um modelo de governo comunitário, que isso seja verdade primeiro em nossa conduta. Fiquem juntos, ajudem-se, suportem-se. Ninguém solta a mão de ninguém.

Aos governantes, uma sentença: “Não cobrem nada além do que lhes foi estipulado”.

Não enriqueçam às custas do povo. Não banquem seus luxos com o suor do trabalhador.

Eu fico pensando o que diria João ao ver a proposta do nosso governo para a reforma da previdência.

Às forças armadas, uma súplica: “Não pratiquem extorsão nem acusem ninguém falsamente”.

Não se corrompa. Não confunda autoridade com autoritarismo. Não use os pobres como bodes expiatórios.

O João ficaria surpreso ao ver as estatísticas sobre como nossos policiais confundem furadeiras com armas de fogo nas mãos de um negro.

Bem meus amigos, amigas e amiges, a coisa está feia, é verdade, mas quando foi que não esteve?

Pelo menos nós temos o privilégio de olhar para trás, e ver que em toda a história, que em dias de trevas, sempre se levanta um João Batista, um Dietrich Bonhoeffer, um Luther King, um Desmond Tutu, algumas sufragistas, um Castro Alves, um Zé, uma Maria, enfim, alguém que não se conforma, que inicia uma mudança primeiro em si, e depois uma revolução.

E hoje, quem se levantará?

João Paulo Berlofa

O PEQUENO PRÍNCIPE

..."Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado.

O trigo, que é dourado, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo"...

Raposa, em O pequeno Príncipe

Eu chorava muito, porque não se encontrou ninguém que fosse digno de abrir o livro e de olhar para ele. Então um dos anciãos me disse: "Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos". Então vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, de pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra. (Apocalipse 5: 4-6, NVI)

Algumas coisas nos lembram outras... um cheiro que nos leva para um lugar já visitado; um barulho, uma música, um gosto que nos transporta emocionalmente... eu adoro ser levado por percepções!

Às vezes, precisamos ser lembrados por alguém de um evento ou lugar especial que despercebido. Mas, o tido como melhor dia da sua vida você nunca esquece... é o primeiro dia de neve e a ansiedade não te deixou dormir... você teve outros dias incríveis, mas, deste você lembra os cheiros, os sons, tudo em detalhes.

O trigo não fazia sentido para a raposa até que alguém, com cabelos dourados, a fez não esquecer mais do trigo. Este ganhou sentido, agora.

De vez em quando precisamos, como João, sermos lembrados nas horas de dor daquilo que traz sentido: "Não chore! Eis que o Leão

da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos".

Ao olhar o fato, nem sempre enxergamos o que nos dizem, porque a linguagem não traduz o todo. O ser no mundo é uma angústia terrivelmente gostosa, pela confusão e pela surpresa.

Só há mundo onde há linguagem. No caso de João, quando o ancião apontou um leão, ele viu um cordeiro: "Então vi um Cordeiro". É mania nossa ver tudo sob a própria ótica, mesmo que a informação seja totalmente outra.

A Raposa se lembraria dos cabelos, mesmo que olhasse para o trigo, João olha para o leão e vê o Cordeiro.

Temos a capacidade de transformar mundos. Ninguém tem a capacidade de nos aprisionar em cadeias tão terríveis que nos impeça de transformar a experiência em algo que nos lembre bons momentos. Não me refiro à ilusão do viver em mentiras; aponto, sim, a possibilidade de dar sentido para todas as coisas, mesmo em meio ao caos, entendendo o propósito do dia mal.

Vivemos uma crise entre o real e o abstrato, sem perceber a realidade por trás das ausências de sentido.

Colecionamos coisas que não nos preenchem em nada, a fim de ocupar os espaços vazios que um único sentido preencheria.

Talvez estejamos escolhendo o veículo errado para olhar, e por isso nos sintamos tão vazios... Afinal, só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos. Então, há muitas coisas que os olhos podem ver e outro tanto que não.

Será que o sentido não está visível na forma que você NÃO está olhando?

E se tudo mudasse a partir de algo além das percepções?

Não é o mesmo sol que derrete a cera que seca a argila? O que muda é a substância, eu sei.

Exatamente! Não somos só uma coisa, como canta a filosofia, e acredito que não somos três coisas, como assobia a teologia. Somos dotados para avançar além das percepções da razão sendo só o que somos, sem uma metamorfose na matéria, mas por uma mudança na consciência!

É o exercício da raposa de achar sentido onde não havia um. É a escolha de João de olhar para um Leão imponente e lembrar do Cordeiro, que aliás ele bem sabe quem é!

Como?! Pode ser esta a última pergunta que soa.

Não há nada em você que o impeça de ter esperança. Esperança é o elo que altera a corrente das perspectivas; esperança permite a alguém crer mesmo no caos; esperança faz força para ver cabelos dourados no trigo e transforma o Leão indomável em um cordeiro do qual se pode aproximar-se; esperança se torna verbo no presente contínuo, para todos que decidiram seguir a aventura que o Reino de Deus propõe.

Sinta-se desafiado ou desafiada a trocar seu olhar no caos por algo que a esperança possa transformar!

Jhon Souza

CACHIMBO DA PAZ

"Essa tribo é atrasada demais

Eles querem acabar com a violência

Mas a paz é contra a lei e a lei é contra a paz"

Cachimbo da Paz - Gabriel o Pensador

Esse índio da música do Gabriel o Pensador, traz uma narrativa incrível de como uma novidade se transforma num "barato" proibido, e algo natural pode no contexto e habitat equivocado se tornar um problemão.

Toda música parece tratar sobre a temática da legalização do "cachimbinho da Paz", e as controvérsias desse processo, mas o trecho importante citado lá em cima nos revela algo maior.

"A paz é contra lei, e a lei é contra a Paz"

O cachimbo que trazia "paz" para o índio em seu contexto, (Pantanal) era nesse novo lugar (e com o cargo de Ministro da Justiça pasmem!) Algo contra a lei, o cachimbo da paz por aqui era proibido!

INADEQUADO! Essa é a palavra para o índio. Quem nunca ouviu na vida o seguinte:

"-Aqui não funciona assim!" , " -chegou agora e quer sentar na janela?" Ou talvez: -" não é assim que a banda toca"...

O que era natural, comum e paz em mim, virou prisão, de uma hora para outra, troca-se ambientes muda-se as regras.

Enquanto isso no Pantanal como narra a música temos outro fato que segue:

"...O presidente deu um tapa no cachimbo e na hora

De voltar para capital ficou com preguiça

Trocou seu paletó pelo fio dental..."

O Presidente tomou o lugar de paz do índio, trocou o paletó pelo fio dental (com o índio?), e resolveu ficar ali, não antes de nomear o Índio como Ministro da Justiça, afinal justiça pede paz, e o cachimbo cuidava disso no fim das contas.

Certo? Nessa música alguém trocou prisão por liberdade, e outro liberdade por prisão.

Porém apenas o ambiente que Índio foi parar o inviabilizou para a vida.

Imoral da parte do cacique oficial?

Para os cristãos, na maioria das vezes, moralidade é aquilo que praticamos a fim de, de fato, nos “conformarmos com Cristo na sua morte”.

Assim fazendo, desenvolvemos um modo externo de auto justificação pela via do comportamento de acordo com a Lei. (Lei contra Paz lembra?)

Toda forma de moralismo, cristão ou não, trabalha contra a apropriação da verdadeira liberdade.

Um problema por exemplo da afirmação de Paulo de que todas as coisas são lícitas é, em geral, vista como um estímulo à libertinagem e à total irresponsabilidade. Quem crê desse modo pensa que

“estando em Cristo”, nossa singularidade e nosso senso de individualidade, deveria implicar que somos agora livres para fazermos o que desejarmos. "vamos fumar um cachimbinho da paz?", afinal, pensam, estamos livres da Lei e da Moral! Mas é mentira!

Estamos de fato, livres da Lei e de todos os seus capatazes, Todavia, isso não nos põe no caminho da libertinagem, mas no tipo de liberdade que Deus chama como tal.

Pode o cachimbinho da paz?

A liberdade do homem tem na liberdade de Deus sua referência.

A liberdade do Congresso era viável na tribo, mas a liberdade da tribo não foi viável por lá!

Porém Deus é livre para ser continuamente bom, fiel, misericordioso e justo; e, acima de tudo, um Deus de graça para outros!

Logo se falamos de liberdade numa música aqui nesse livro, é para falar de liberdade na vida, e sim, na minha opinião a nossa medida de liberdade é Deus!

Nesse mundo a paz de muitos está na mesa para ser devorada pela Lei de outros, cada qual com seu console pessoal de habitat, cabendo a paz da moralidade pessoal-particular do sujeito.

Os ambientes reguladores de liberdade nivelam a liberdade humana partindo do menor homem, o ambiente do Evangelho nivela a liberdade humana pela medida de Deus, ele é o molde referencial! No todo e não em atributos determinados pela nossa conveniência.

O índio acaba morrendo na música, foi tirado do seu lugar de liberdade para morrer na mesa da lei.

Há um habitat de segurança em cada um de nós, e em muitos lugares fora de nós.

Sentir segurança e manutenção da liberdade, não há liberdade pela metade.

O índio ensina que voluntariamente podemos ser sequestrados do nosso lugar de Paz! (Com ou sem o cachimbinho da paz).

O Evangelho nos ensina que o molde da nossa liberdade é o Eterno, e não cabe no ventre de ninguém para nos devorar.

Jhon Souza

VOCÊ CONHECE OS INADEQUADOS?

O “INADEQUADOS” é uma resposta ao sistema religioso tradicional fundamentalista e moralista.

Uma resposta a um cansaço de vermos a discrepância que há entre a igreja de Cristo e o Cristo da Igreja.

Cansados de vermos um “evangelho” resumido a questões morais que exclui aqueles que não se adequam aos padrões do sistema.

Cansados principalmente de vermos que grande parte da igreja não vem cumprido o papel designado por Cristo - que é a de denunciar injustiças, segregações e participar ativamente na construção de uma sociedade justa.

Mas percebemos que todo esse cansaço pode e deve ser transformado em combustível para sairmos do campo apenas crítico, a colocarmos em prática o real propósito da igreja.

Nossa Indignação.

Vivemos em um país injusto, desigual, violento, sexista e corrupto. Onde a maioria tem pouco e a minoria tem muito. Essa engrenagem desigual, além de perigosa, se retroalimenta, gerando cada vez mais desigualdade. Esse desequilíbrio afeta diretamente todas as esferas da sociedade, e as instituições que deveriam agir diretamente nesses problemas, não fazem, e quando o fazem, fazem por interesse de troca, incluso as igrejas.

Nessa balança desigual, muita gente com um potencial gigante para colaborar com a sociedade não tem espaço ou visibilidade para produzir, deixando de dar uma contribuição incrível em prol do bem comum.

O que queremos.

Através da criatividade, tecnologia, colaboração e inovação sermos extremamente relevantes em nossas cidades, através de projetos com impacto social.

Mostrar ao mundo a graça comum de Deus que está sobre tudo e todos, sem exceção.

Mostrar o poder transformador da criatividade em uma sociedade.

Mostrar a força de um conjunto de pessoas trabalhando sem o interesse próprio.

Convocar, incentivar e potencializar as múltiplas inteligências, os diversos saberes e experiências na criação coletiva de soluções para melhorar a vida das pessoas na cidade.

O que faremos.

Entenderemos a demanda de cada grupo, cada lugar, cada cidade, cada indivíduo e pensaremos juntos em soluções práticas às suas angústias e necessidades, independentemente de sua fé, religião ou ideologia.

Como faremos.

Com pessoas! Pessoas de todos os lugares e culturas, usando suas habilidades não para enriquecer, não para movimentar o mercado financeiro, mas para exercerem suas vocações visando o bem comum. Pessoas que entenderam a proposta do evangelho do

Cristo, que entenderam a sua missão no mundo e entenderam o propósito desse grupo.

Temos como proposta sermos uma plataforma de construção coletiva, que enfatiza a capacidade criativa de cada indivíduo.

No que acreditamos.

Acreditamos no evangelho progressista e inclusivo de Jesus Cristo de Nazaré.

Acreditamos que teologia é a resposta prática que damos às necessidades humanas.

Acreditamos que o plano de redenção divino está em marcha sobre tudo e todos.

Acreditamos que todos e todas têm por direito viverem com dignidade.

Acreditamos no evangelho todo, para o ser humano todo e para todos os seres humanos.

O que entendemos por missão.

Que a missão é orientada a satisfação das necessidades básicas do ser humano, incluindo sua necessidade de Deus, porém também sua necessidade de amor, alimento, teto, abrigo, saúde física e mental e SENTIDO DE DIGNIDADE HUMANA.

Quem pode participar.

Pessoas, o “INADEQUADOS” é formado por pessoas. Todo os tipos de pessoas.

Pessoas dispostas a viverem integralmente o evangelho de Jesus.

Pessoas dispostas a usarem sua vocação em prol do bem comum.

Pessoas dispostas a serem a resposta para problemas sociais.

Pessoas dispostas ao relacionamento com o diferente.

Pessoas dispostas a trabalhar de forma colaborativa.

Pessoas dispostas!

SE VOCÊ É UM INADEQUADO, INADEQUADA OU INADEQUADE,
E DESEJA FAZER PARTE DESSE MOVIMENTO, SEJA MUITO
BEM VINDE.

INADEQUADOS®

Todos os direitos reservados

www.inadequados.com

[Facebook](#) | [Instagram](#)